

CONVERSAÇÃO INTERNA: ENTRE A REFLEXIVIDADE E A
RUMINAÇÃO

Amanda da Costa da Silveira

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre/RS, 2007

CONVERSAÇÃO INTERNA: ENTRE A REFLEXIVIDADE E A
RUMINAÇÃO

Amanda da Costa da Silveira

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre em Psicologia sob orientação do
Prof. Dr. William Barbosa Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Maio, 2007

Agradecimentos

Ao professor William Gomes, pelo incentivo ao meu crescimento intelectual e também pessoal desde a iniciação científica.

Aos professores Christian Haag Kristensen, Graciela Inchausti de Jou, Lia Beatriz Lucca de Freitas e Marco Antônio Teixeira, membros das bancas examinadoras, pela colaboração na feitura desse trabalho e pela atenção dispensada à sua autora.

Aos professores Adriano Pereira Jardim, Gustavo Gauer, Luciana Karine de Souza e Mariane Lima DeSouza, pela inspiração para eu seguir a vida acadêmica em tempos não muito favoráveis a tal carreira no Brasil.

À professora Mariela Michel, pela revisão do inglês.

Aos colegas do Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição, pela amizade e pelas discussões sempre bem humoradas, e, em especial, à colega Daniela Benites, pelo auxílio com as análises estatísticas, e à responsável e competente bolsista de iniciação científica Manoela Ziebell de Oliveira, pelo auxílio na coleta e na análise dos dados.

Aos meus pais, Regina e José, e ao meu irmão, Magnus, pelo apoio incondicional e pela paciência quando eu externalizei minhas brigas internas.

Ao Marcelo, pelas lições de afeto e de planilhas no Excel.

Depois de esporádicas e perplexas meditações sobre o cosmos, cheguei a várias conclusões óbvias (o óbvio é muito importante: garante certa veracidade). Em primeiro lugar concluí que há o infinito, isto é, o infinito não é uma abstração matemática, mas algo que existe. Nós estamos tão longe de compreender o mundo que nossa cabeça não consegue raciocinar senão à base de finitos. Depois me ocorreu que se o cosmos fosse finito, eu de novo teria um problema nas mãos: pois, depois do finito, o que começaria? Depois cheguei à conclusão, muito humilde minha, de que Deus é o infinito. Nessas minhas divagações também me dei conta do pouco que sabia, e isso resultou numa alegria: a da esperança. Explico-me: o pouco que sei não dá para compreender a vida, então a explicação está no que desconheço e que tenho a esperança de poder vir a conhecer um pouco mais.

Clarice Lispector

SUMÁRIO

	Página
CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Conversação interna e neuropsicologia	13
1.2. Conversação interna e psicologia do desenvolvimento	16
1.3. Conversação interna e semiótica.....	20
1.4. Análise dos instrumentos usados em estudos da conversação interna..	21
Objetivos	23
Expectativas	23
CAPÍTULO II	
MÉTODO	24
2.1. Participantes	24
2.2. Instrumentos	24
2.3. Procedimentos	26
2.4. Análise dos dados	27
CAPÍTULO III	
RESULTADOS	28
3.1. Levantamento das medidas delimitadoras da conversação interna durante a resolução da técnica Bertau/TMPR	28
3.1.1. Registro de tempo de duração na resolução do Bertau/TMPR	28
3.1.2. Registro do número de palavras na resolução do Bertau/TMPR	30
3.1.3. Registro do desempenho na resolução do Bertau/TMPR	32

3.2. Classificação de perfis dos participantes com relação a traços de Ruminação, Reflexão e Neuroticismo	33
3.3. Medidas delimitadoras da conversação interna e dados do QRR	35
3.4. Análise qualitativa das manifestações audíveis da conversação interna	36
3.5. Estudo de casos extremos	44
3.6. A experiência de conversar internamente	48
3.6.1. Descrição fenomenológica	50
3.6.2. Análise indutiva	52

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
4.1.1. Ruminação <i>versus</i> Reflexão	54
4.1.2. Diálogos centrado no problema <i>versus</i> diálogos centrado no <i>self</i>	56
4.1.3. Fala interna <i>versus</i> fala pública	57
4.1.4. Atenção do <i>self</i> sobre si mesmo	62
4.2 Considerações Finais.....	63
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	73
Anexo A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	73
Anexo B. Questionário de Ruminação e Reflexão	74
Anexo C. <i>Self-Observation Auto-verbalizations Inventory</i> (SOAI)	76
Anexo D. <i>Scale for Inner Speech (SIS)</i>	77
Anexo E. Entrevista de Complementação	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Média e desvio-padrão para Ruminação e Reflexão de homens, mulheres e do total da amostra	34
Tabela 2. Média e desvio-padrão para o fator neuroticismo de homens, mulheres e do total da amostra	35
Tabela 3. Correlação de <i>Spearman</i> entre perfis ruminativos, perfis reflexivos, desempenho, número de palavras e tempo de execução.....	36
Tabela 4. Relação dos participantes selecionados a partir dos resultados quantitativos coletados na primeira parte do estudo	45
Tabela 5. Critérios classificatórios para os sete casos selecionados no estudo	46
Tabela 6. Estratégias cognitivo-conversacionais do discurso falado (Koch, 1997) e exemplo de conversação interna manifesta	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Representação gráfica do diálogo entre as três agências de si mesmo de acordo com Wiley, 1994.....	21
Figura 2. Exemplo de item do Teste Matrizes Progressivas de Raven	26
Figura 3. Tempo médio (em segundos) que cada participante da amostra levou para resolver o Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada	29
Figura 4. Tempo médio (em segundos) despendido em cada um dos três níveis do Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada	29
Figura 5. Quantidade média de palavras verbalizadas durante a resolução em voz alta do Tmpr por participante	30
Figura 6. Quantidade média de palavras verbalizadas pelo total da amostra em cada um dos níveis do Tmpr	31
Figura 7. Média de palavras verbalizadas pelos participantes durante a resolução do Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada ...	31
Figura 8. Porcentagem média do total de acertos de cada participante no Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada	32
Figura 9. Porcentagem média de acertos no Teste Matrizes Progressivas de Raven para os respectivos níveis	33
Figura 10. Desempenho médio intraparticipantes relativo a cada um dos três níveis do Tmpr	33
Figura 11. Distribuição dos participantes com relação aos escores de ruminação e reflexão e uma distribuição normal	34
Figura 12. Classificação geral dos perfis combinados de reflexão e ruminação para cada participante da amostra	35
Figura 13. Esquema geral da classificação dos enunciados	38
Figura 14. Verbalizações do participante 02	47
Figura 15. Verbalizações do participante 10	47
Figura 16. Verbalizações do participante 11	47
Figura 17. Verbalizações do participante 12	47
Figura 18. Verbalizações do participante 13	48
Figura 19. Verbalizações do participante 14	48
Figura 20. Verbalizações do participante 15	4

Resumo

O principal objetivo desse estudo foi registrar e propor formas de análise para a manifestação audível da conversação interna, tendo como base o modelo semiótico de *self* de Norbert Wiley. O *Questionário de Ruminação e Reflexão* e a *Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo* foram respondidos por 39 universitários. Destes, 23 participaram de uma segunda etapa, em que foram instruídos a responder em voz alta ao *Teste Matrizes Progressivas de Raven* (TMPR) e a uma entrevista semi-estruturada sobre a experiência da conversação interna. Na amostra de 39 participantes, observou-se correlação moderada entre traço de neuroticismo e ruminação. Na segunda etapa, características de tempo, número de palavras verbalizadas e desempenho no TMPR foram mensuradas e confrontadas com os perfis de ruminação e reflexão. Resultados de uma análise qualitativa propuseram a distinção da conversa interna manifesta quanto à sua forma (informacional e comunicacional) e ao seu conteúdo (*self* ou tarefa como objetos da conversa). A comparação dos dados qualitativos e quantitativos ilustrou graficamente as oscilações de forma e conteúdo em sete casos extremos. Dados da entrevista sugeriram que a conversação interna é percebida como uma ferramenta que auxilia ou dificulta a articulação de pensamentos e sentimentos. Os achados da pesquisa refinaram o modelo de conversação interna de Wiley, exemplificando facetas exclusivas da fala interna em contraposição à fala pública; mostraram que o *self* semiótico (processual) flutua intencionalmente entre a tarefa e conteúdos relativos ao próprio *self*; mas eles não diferenciaram perfis ruminativos e reflexivos no desempenho da tarefa.

Palavras-chave: Conversação interna; Reflexividade; Ruminação; *Self* semiótico.

Abstract

The main purpose of this study was to register and to suggest ways of analysing verbalized inner speech. The research was based on Norbert Wiley's semiotic self model. The instruments Rumination-Reflection Questionnaire and the Factorial Scale of Emotional Adjustment/ Neuroticism were answered by 39 college students. In a second moment, 23 of the participants were instructed to answer out loud the Raven's Progressive Matrices Test and a semi-structured interview on the inner speech experience. In the thirty-nine-participant sample, a moderate positive correlation was observed between rumination and neuroticism traits. In the second part, measures of time, number of verbalized words and performance in the Raven's Test were contrasted with ruminative and reflexive profiles. The results of a qualitative analysis suggested the distinction between the form (informational and communicational) and the content (self or task as objects of conversation) of verbalized inner speech. The comparison between quantitative and qualitative data illustrated graphically the oscillations of form and content in seven extreme cases which were studied. Data from the interview suggested that inner speech is perceived as a tool that either helps or hinders thoughts and feelings. The results refined the semiotic self model of Wiley, exemplifying the exclusive characteristics of inner speech in opposition to public speech; the results also showed that the (processual) semiotic self intentionally floats between the self and the task; but no correlation was observed between the ruminative and reflexive profiles and the problem solving performance.

Keywords: Internal conversation; Reflexivity; Rumination; Semiotic self.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como ponto de partida a concepção ontológica de uma natureza humana universal, evolucionária, racional e genérica (Wiley, 1994). A síntese dessa condição humana é a autoconsciência: a avançada capacidade de codificar e decodificar sinais ou signos, e de expressá-los em atos comunicativos de percepção e expressão em forma de sentido. Com efeito, trata-se de atos comunicativos interpessoais e intrapessoais.

A propriedade básica dos atos comunicativos é a reflexividade, isto é, o retorno da autoconsciência a si mesma, ou como diria Leibniz (1988, p. 4): "uma atenção ao que está em nós". Wiley (1994, 2006) definiu a reflexividade como uma conversação interna que, por sua vez, foi definida por Morin (2006) como a atividade de se conversar silenciosamente consigo mesmo. Ao que se pode ver, a definição continua a mesma desde as intenções segundas (reflexão) dos escolásticos (Lalande, 1996).

De acordo com a visão de Wiley (1994, 2006), uma fonte promissora de informação sobre os modos expressivos da consciência é o fenômeno da conversação interna. Diversos termos designam esse mesmo fenômeno na literatura de língua inglesa, não havendo estudos que efetivamente os diferenciem: conversa consigo mesmo ou *self-talk* (Morin & Everett, 1990; Morin, 2004, 2006; Schneider, 2002; Siegriest, 1995; Glass & Arnkoff, 1997), discurso subvocal ou *subvocal speech* (Nooteboom, 2005), diálogo interno ou *inner dialogue/internal dialogue* (Fernyhough, 2004; Glass & Arnkoff, 1997), monólogo ou *monologue* (Morin, 2004), enunciação ou *utterances* (Fernyhough, 2004; Flavell, Miller & Miller, 1993), frases-para-si-mesmo (frases do *self*) ou *self-statements* (Glass & Arnkoff, 1997) e pensamentos automáticos ou *automatic thoughts* (Glass & Arnkoff, 1997). Na língua portuguesa, a tradução que aqui será mais freqüente para o termo é conversação interna. Mas o fenômeno também pode ser designado por fala interna/internalizada e diálogo interno/internalizado.

O fenômeno *self* é um signo para Wiley (1994), possuindo, portanto, características abstratas e lingüísticas. Essa idéia também está presente em Berrios e Marková (2003), para quem o conceito de *self* é um constructo e não uma "forma natural" que se possa localizar no encéfalo humano.

Assim, *self* é aqui entendido como um processo cognoscitivo básico de

reflexão, promotor de interação comunicativa entre consciência e corpo. Ele inclui sensações, emoções, pensamentos não-verbalizados, hábitos, linguagem corporal e até mesmo expressões irracionais do ser humano (DeSouza, 2005). Dessa forma, essa abordagem difere de entendimentos tradicionais em psicologia, em que *self* tem sido usado para se referir à pessoa, ser humano, si mesmo, si próprio, eu mesmo, ou identidade. Este trabalho parte, portanto, da premissa epistemológica de que conhecer o *self* é compreender as relações entre consciência e suas formas de expressão no mundo (DeSouza, 2005).

Autoconsciência é definida como atividade que o indivíduo dispõe de se tornar objeto de sua própria consciência. Morin e Everett (1990) propuseram um modelo no qual existem três formas de se acessar a autoconsciência: 1) por recursos físicos, tais como espelhos, gravadores de voz, vídeos, que refletem informações sobre o indivíduo; 2) por recursos sociais, tais como emissão de comportamentos e da observação de suas reações e feedback dos outros indivíduos; e 3) através da conversação interna, que, para Morin (2002a), seria o principal meio de adquirirmos autoconsciência.

Fenigstein, Scheier & Buss (1975) propuseram uma escala para avaliar variações de autoconsciência nos indivíduos. Essa escala é composta por três subescalas: Subescala de Autoconsciência Pública (PbSC), Subescala de Autoconsciência Privada (PrSC) e Subescala de Ansiedade Social (SAS). Sugere-se que indivíduos com maiores escores de autoconsciência monitoram e modificam seus comportamentos de forma mais eficaz, sentem emoções mais intensamente, comportam-se de forma mais consistente com suas atitudes, conformam-se menos com a pressão social e reagem mais fortemente à rejeição social.

Trapnell e Campbell (1999) questionaram a idéia de uma natureza unitária de autoconsciência por trás da Escala de Autoconsciência de Fenigstein, Scheier e Buss (1975). Os dois autores realizaram uma reanálise estatística da Escala de Autoconsciência e mostraram que autoconsciência não representa um construto unitário (voltar a atenção para si), mas, ao invés disso, o foco em si mesmo pode ser caracterizado como auto-reflexivo ou auto-ruminativo, pois cada tipo de introspecção leva a diferentes conseqüências cognitivas e comportamentais.

Esta distinção entre reflexão e ruminação tem-se mostrado útil para explicar uma aparente incongruência existente em achados de pesquisa, o chamado “paradoxo da auto-absorção”: hipoteticamente, indivíduos com altos

escores de autoconsciência privada deveriam ser pessoas mais felizes, pois conhecem a si mesmas melhor quando comparadas a pessoas com baixos escores de autoconsciência privada, pois elas observam mais a si mesmas (Trapnell & Campbell, 1999). Esta vantajosa carga de autoconhecimento deveria indicar que os indivíduos apresentassem melhor ajustamento psicológico. Contudo, segundo uma revisão feita por Trapnell e Campbell (1999), muitas pesquisas apresentaram evidências de que altos escores de autoconsciência privada estavam associados a problemas psicológicos, tais como depressão, baixa auto-estima e ansiedade.

Deste modo, ao se reconhecer a natureza dual desta atenção voltada para si, explicita-se que a reflexão sobre si está relacionada a uma curiosidade que o indivíduo tem de pensar em informações sobre si, ao passo que a ruminação é caracterizada como um produto indesejado do pensamento do indivíduo. Trapnell e Campbell (1999) desenvolveram o Questionário de Reflexão e Ruminação (QRR) para acessar essas duas formas de autoconsciência. Esse questionário é, portanto, utilizado para reinterpretar resultados inconsistentes encontrados no passado e na Escala de Autoconsciência. O QRR foi recentemente traduzido e validado para a população brasileira por Zanon e Teixeira (2006).

Dada a diversidade de perspectivas teóricas relacionadas ao estudo da conversação interna, a partir daqui a revisão da literatura será organizada em três grandes temas, conforme sugerido por DeSouza (2005), sendo eles: 1) a abordagem neuropsicológica, 2) o campo da psicologia do desenvolvimento e 3) a perspectiva semiótica.

1.1. Conversação interna e neuropsicologia

A investigação da conversação interna tem aumentado nos últimos anos com o desenvolvimento tecnológico da neuroimagem (DeSouza, 2005). Os estudos neuropsicológicos que envolvem a conversação interna serão aqui revisados enquanto estudos de revisão e estudos empíricos.

Correlações de estudos de revisão foram realizadas por Morin (2004, 2002a, 2002b, 2001), tomando como base estudos empíricos que trazem evidências sobre o substrato neural envolvido no fenômeno da conversação interna. Esses estudos apontam que a conversação interna está associada à atividade do hemisfério cerebral esquerdo e, por conseguinte, intimamente relacionada à autoconsciência (Morin, 2001). Segundo o modelo sugerido por Morin (2004), a conversação interna é ativada quando algumas áreas do giro

frontal inferior esquerdo estão em atividade. A capacidade auto-articulatória verbal do hemisfério esquerdo opera tanto para guiar o comportamento quanto para compreender o impacto de tal comportamento no mundo físico e no mundo social. Assim, segundo Morin (2001) é possível se desenvolver progressivamente a autoconsciência, ou seja: uma vez que porções do lobo pré-frontal esquerdo estão tanto associadas com atividades de auto-reflexão quanto de conversação interna (Morin, 2002a), o autor defende a idéia de que a conversação interna é um importante meio de promoção da autoconsciência.

Morin, com base em relatos ilustrativos, defendeu a idéia de que a perda da conversação interna observada em pacientes que sofreram alguma lesão cerebral leva a déficits de autoconsciência (Morin, 2001). Morin (2004) também afirmou que “o fato de que algumas áreas pré-frontais direitas (não associadas à conversação interna) também estarem ativadas durante a auto-reflexão ilustra a idéia de que a autoconsciência tem uma natureza multifatorial”¹ (p.16).

Em maior número, observam-se os estudos empíricos envolvendo tarefas de duração breve que visam a mobilizar a conversação interna. Para fins de mensuração, esses estudos utilizam técnicas como a Tomografia de Emissão de Pósitrons (PET), Imagens de Ressonância Magnética Funcional (fMRI) ou mensuração de potencial motor evocado. As tarefas realizadas nesses estudos envolvem atividades de autodescrição e/ou auto-reconhecimento (Kjaer, Nowak & Lou, 2002; Kircher, Brammer, Simmons, Bartels & David, 2002; Keenan, Nelson, O’Connor & Pascual-Leone, 2001), e memória autobiográfica (Conway, Pleydell-Pearce & Whitecross, 2001).

Em um experimento utilizando a técnica PET, Kjaer, Nowak e Lou (2002) mostraram que a atividade padrão observada no momento da autoconsciência reflexiva é muito similar às atividades metabólicas existentes nas estruturas que se acredita que constituem a base dos estados de consciência. Os pesquisadores solicitaram a um grupo de pessoas sem distúrbios neurológicos que pensassem intensamente em como eles descreveriam os traços de personalidade e físicos deles próprios e de uma referência neutra (no caso, a rainha da Dinamarca). Durante cada uma dessas quatro condições, mensurou-se a distribuição da corrente sanguínea no encéfalo através da técnica PET. Os resultados apontaram que a reflexão sobre traços de personalidade dos próprios participantes, em comparação com as reflexões sobre a pessoa neutra, estiveram mais associadas à

¹ Tradução nossa.

atividade no precúneo, em regiões temporo-parietais bilaterais e no córtex orbito-frontal esquerdo. Constatou-se também que reflexões a respeito da própria aparência física, em comparação à aparência física de uma terceira pessoa, ativaram principalmente o giro cingulado anterior. Os autores afirmaram, contudo, que não houve predomínio de atividades no hemisfério direito, conforme fora visto no experimento apresentado por Keenan et al. (2001).

Outros estudos, envolvendo técnicas de fMRI (Kircher et al., 2002; Kircher et al., 2000), evidenciam atividade tanto do hemisfério cerebral esquerdo quanto direito no momento da tarefa. Tais estudos envolveram amostras de seis participantes cada, em que se procurou julgar o quão bem traços de personalidade e atributos físicos descrevem os participantes, ou ainda se buscou avaliar a reação dos participantes ao serem apresentados estímulos em que traços da própria face do participante era mesclada com faces de pessoas famosas.

Keenan et. al. (2001) realizaram experimentos envolvendo anestesia de um dos hemisférios cerebrais e obtiveram informações a respeito da dominância cerebral da linguagem e outros fenômenos cognitivos. Cinco pacientes destes (hemisfério esquerdo dominante para a linguagem) que estavam sendo submetidos à testagem avaliativa para realizarem uma neurocirurgia participaram do estudo. Os achados indicaram que os estruturas neurais do hemisfério direito devem participar ativamente no processo de reconhecimento da própria face do participante. Em um outro experimento realizado pelos autores, mensurou-se o potencial motor evocado durante a exibição de fotos que continham elementos de suas próprias faces ou outras faces de pessoas famosas. Os resultados indicaram potenciais motores evocados significativamente maiores no hemisfério direito no momento da exibição de fotos com elementos da própria face do participante do que em outras condições. Em suma, os achados destes estudos indicaram que substratos neurais do hemisfério direito devem participar seletivamente em processos ligados à autoconsciência, uma vez que o hemisfério direito do cérebro humano parece estar preferencialmente envolvido no reconhecimento da própria face do sujeito.

Morin (2004) criticou os achados de Keenan et al.(2001) afirmando que estes autores tomaram como igualdade os termos auto-reflexão e autoconsciência e afirmaram que a atividade de auto-reflexão era exclusiva do hemisfério direito. Sendo este hemisfério geralmente relacionado ao lado não lingüístico, os resultados levaram Keenan et al. à conclusão lógica de que a autoconsciência não

teria relação alguma com a linguagem. Morin contra-argumentou que autoconsciência não é apenas auto-reflexão e que, mesmo assim, auto-reflexão também ocorre no hemisfério esquerdo. Suas afirmações tiveram como base estudos como os de Kircher et al. (2000, 2002).

Observa-se, portanto, que a discussão sobre a relação entre linguagem e altos níveis de consciência ainda é controversa. Além disso, ressalta-se aqui que ainda não há evidências neuroanatômicas diretas a respeito da ligação entre conversação interna e autoconsciência (Morin, 2001). Contudo, há estudos correlacionais indicando que quanto mais uma determinada atividade proposta para o indivíduo foca o *self*, mais há conversação interna (Schneider, 2002). Além disso, experimentos podem conter tarefas que lidam com conversação interna, muito embora nem sempre os autores se refiram ao termo. Um exemplo disso é o estudo de Kjaer et al. (2002), em que auto-reflexão é o termo em discussão.

1.2. Conversação interna e psicologia do desenvolvimento

Na psicologia do desenvolvimento, a investigação da conversação interna está relacionada aos estudos clássicos de Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934). Ambos os autores enfatizam a importância da conversação interna no desenvolvimento mental. Para Piaget, a conversação interna, também chamada de fala egocêntrica, está atrelada ao desenvolvimento do pensamento e é um fenômeno observável em um nível desenvolvimental infantil e que acompanha o indivíduo por toda a vida, pois está intimamente relacionado aos processos de acomodação do conteúdo do mundo nas estruturas do organismo. Ou seja, em Piaget a conversa interna é um processo fundamental para a aquisição do conhecimento por parte do organismo e está presente em todos os seus estágios desenvolvimentais, uma vez que se entende que o organismo está permanentemente em processo de assimilação e acomodação, ao longo de toda a sua existência (Becker, 2006).

Em Vygotsky, a conversação interna é um estágio inicial ainda externo de auto-regulação por meio da linguagem internalizada posteriormente. Desta forma, a conversação interna inicia nos primeiros anos enquanto algo que a criança ouve do mundo e internaliza, e seus vestígios podem ser diretamente observados no discurso individual por toda vida (Bertau, 1999).

Segundo Vygotsky e Luria (1993/1934), o diálogo externo que é observado normalmente em crianças sofre alguns processos quando é

internalizado e se torna conversação interna. São eles: (a) *abreviação sintática* (a conversação interna é experienciada como uma série de imagens verbais condensadas e fragmentadas); (b) *predominância do sentido sobre o significado* (a significância pessoal e privada das palavras na conversação interna predomina sobre os significados convencionais das palavras); (c) *aglutinação* (o desenvolvimento de palavras híbridas que designam conceitos complexos específicos do sujeito na conversação interna), (d) *infusão de sentido* (uma palavra na conversação interna se torna carregada de mais associações do que é inerente em seu significado convencional, adquirindo uma importância especial para o sujeito, não sendo compartilhada com as demais pessoas que usam a mesma palavra).

As contribuições de Vygotsky têm reaparecido com muita força em estudos sobre a conversação interna realizados na década de 1990 e no início dos anos 2000. Nestas pesquisas, o conceito é utilizado para estudar patologias como, por exemplo, alucinações verbais auditivas (Fernyhough, 2004) e para avaliar o desempenho em tarefas de resolução de problemas (Bertau, 1999). Também se observa, no tratamento cognitivo comportamental, técnicas de controle da conversa interna no tratamento psicoterápico infantil, sendo consideradas efetivas no tratamento de crianças com comportamentos impulsivos (Kendell & Braswell, 1985).

Fernyhough (2004) afirmou que a conversação interna normal é consideravelmente abreviada quando comparada à conversação externalizada, por sofrer transformações semânticas importantes. Ele construiu um esquema de quatro níveis do desenvolvimento da conversação interna, com base nas propriedades semânticas que distinguem a conversação interna da externa enunciadas por Vygotsky e Luria (1993): No nível 1, chamado de diálogo externo, a criança e seu cuidador estão envolvidos em um diálogo aberto que mostra a conversa característica de "pergunta-e-resposta". No nível 2, da conversação particular, a criança dialoga para si mesma abertamente (e vai gradualmente subvocalizando esse diálogo). No nível 3, chamado de conversação interna expandida, a conversação particular está totalmente internalizada, mas o "pergunta-e-resposta" da conversação externa ainda é manifesto internamente, como um processo de conversar silenciosamente consigo mesmo. Por fim, no nível 4, ou conversação interna condensada, as transformações sintáticas e semânticas sofridas na internalização produzem uma conversação interna que tem

muito pouco (senão nada) da linguagem externa, e se tornou uma interação dialógica entre diferentes perspectivas da realidade; ou seja, refere-se ao estágio de pensar em seu significado puro, descrito por Vygotsky e Luria.

É interessante ressaltar que esse esquema de Fernyhough (2004) não apenas descreve o processo desenvolvimental de acordo com os estágios que a criança passa para internalizar o diálogo, como também é aplicável ao movimento que se pode realizar entre os níveis no pensamento humano em qualquer faixa etária. Assim, Fernyhough reafirma a possibilidade de se acessar a conversação interna através dos protocolos de pensamento em voz alta. Para ele, sob condições de maior exigência cognitiva (quando se está motivado para resolver um problema complexo, por exemplo) pode-se realizar uma transição do nível 4 (conversação interna condensada em sua totalidade) para o nível 3 (conversação expandida) e até mesmo para o nível 2 (conversação particular dialógica): "é sob estas condições que nossa conversação interna é experienciada em um diálogo expandido, com todas as qualidades de uma conversa normal de pergunta-e-resposta" (Fernyhough, 2004, p. 56)².

As idéias de Vygotsky também foram a base teórica para o desenvolvimento de estudos que relacionam a conversação interna e o contexto de resolução de problema. Um destes estudos foi conduzido por uma psicóloga alemã chamada Marie-Cécile Bertau (1999). Ela solicitou a seis participantes que resolvessem o teste Matrizes Progressivas de Raven (TMPR) verbalizando a conversação interna que lhes ocorria no momento da resolução do teste. Os protocolos de pensamento em voz alta foram gravados e posteriormente transcritos, tendo cada aplicação duração de 20 a 70 minutos. A este procedimento Bertau deu o nome de Método de Conversação Interna Verbalizada (MCIV). Como resultado, Bertau indicou que a quantidade de conversação interna é diretamente proporcional à dificuldade da tarefa proposta e pôde observar o fenômeno da abreviação sintática da conversação interna (termo sugerido por Vygotsky, que designa o fenômeno que pode ser observado no nível 4 descrito por Fernyhough (2004)), sendo transformado em uma conversação particular revelada (fala verbalmente articulada ou o nível 2 de Fernyhough (2004)). Foi também sugerido que um melhor desempenho na transição da conversação interna condensada para sua forma dialógica aberta estaria relacionado a um sucesso maior do participante na resolução da tarefa.

² Tradução nossa.

Recentemente, DeSouza (2005) adaptou o mesmo método com uma amostra de 18 adultos brasileiros para um contexto que não enfocava a resolução de problemas, mas, sim, o fenômeno da conversação interna. Ela submeteu os dados obtidos a partir das transcrições das conversações internas verbalizadas durante a resolução do TMPR à análise qualitativa baseada nos três passos reflexivos da fenomenologia semiótica. Como conclusão, a autora comprova que o método utilizado de fato propicia uma forma efetiva de acesso à conversação interna.

O estudo das relações dialógicas da conversação interna de DeSouza (2005) reuniu os dados obtidos através da conversação interna verbalizada dos participantes em três grandes temáticas: descrição visual (em que os participantes descrevem o que está graficamente impresso no TMPR), raciocínio lógico (em que os participantes verbalizam qual a seqüência lógica que acreditam que está por trás da resolução do problema proposto no TMPR) e diálogos (verbalizações em que os participantes emitem perguntas e respostas para suas próprias perguntas, ou vocativos para si mesmos, etc.). Segundo DeSouza, as duas primeiras temáticas (descrição visual e raciocínio lógico) expressaram um nível mais informacional da conversação interna, ao passo que os diálogos evidenciaram a qualidade comunicacional de tal fenômeno. Pode-se dizer que o nível informacional está mais relacionado à lógica digital (ou...ou) e plano; o comunicacional, por sua vez, exprime uma lógica da inclusão (e...e), em que uma maior variedade de posições são incluídas na conversa, trazendo a discussão para um nível tridimensional.

Um outro estudo relacionado à resolução de problemas foi desenvolvido por Bartl e Dörner em 1998. Os pesquisadores alemães investigaram a influência de se realizarem boas perguntas na resolução de problemas em voz alta. Em um estudo de casos, dois participantes foram selecionados de um estudo maior por representarem estilos opostos de verbalização e sucesso na resolução do problema. Chamou-se de “Logobene” o caso que conseguiu resolver o problema proposto e de “Logomale” aquele que não conseguiu resolver. Como resultados do estudo, observou-se que Logomale fez a si mesmo apenas quatro perguntas e, em 30 minutos resolvendo a tarefa, produziu 71 enunciados. Ao passo que Logobene em 10 minutos produziu 126 enunciados e realizou 17 perguntas.

Outros quatro estudos empíricos independentes de cunho quantitativo, utilizando, portanto, variadas medidas de conversação interna e autoconsciência,

foram desenvolvidos ao longo da década de 1990. Os estudos de Morin, Everett, Turcotte e Tardif, (1993) contaram com um instrumento chamado *Self-Observation Auto-verbalizations Inventory* (SOAI) (ver anexo C), que é um inventário desenvolvido especificamente para medir a fala de uma pessoa para ela mesma sobre ela mesma, apresentando, portanto, uma operacionalização diretiva da conversação interna usada com propósitos introspectivos. Siegrist (1995) desenvolveu uma escala alemã para mensurar conversação interna (*Scale for Inner Speech - SIS*) (ver Anexo C), que apresentou uma correlação de .48 entre ela e a medida de *Autoconsciência Privada* (Fenigstein, Scheier & Buss, 1975). Um outro estudo alemão, conduzido por Schneider (2002) acessou a conversação interna com uma versão reduzida da SIS e Autoconsciência privada (Fenigstein, Scheier e Buss, 1975) com uma medida de auto-reflexão de Burnkrant e Page (in Morin, 2004). Foi observada uma correlação significativa de .51 entre conversação interna e auto-reflexão. De um modo geral, todos estes estudos sugerem que, quanto mais a pessoa enfoca em si mesma, mais ela conversa internamente (sobre aspectos privados) e vice-versa.

1.3. Conversação interna e semiótica

A perspectiva da semiótica na conversação interna foi abordada sobretudo pelo sociólogo norte-americano Norbert Wiley em seu livro *The Semiotic Self* (1994). O autor apresenta a conversação interna enquanto um diálogo inter e intrapessoal que ocorre entre três aspectos, partes, papéis ou agências (*agencies*) temporais de si mesmo ou *self*: o passado Mim, o presente Eu e o futuro Você (DeSouza, 2005). Na relação dialógica, o Eu (presente) fala com o Você (futuro) sobre o Mim (passado). Apenas o *self* presente (*eu*) pode falar, enquanto o *você* e o *mim* só podem ouvir e ser objeto da fala, respectivamente (Wiley, 1994) (ver Figura 1). Através da perspectiva semiótica, o diálogo se torna um triálogo (DeSouza, 2005).

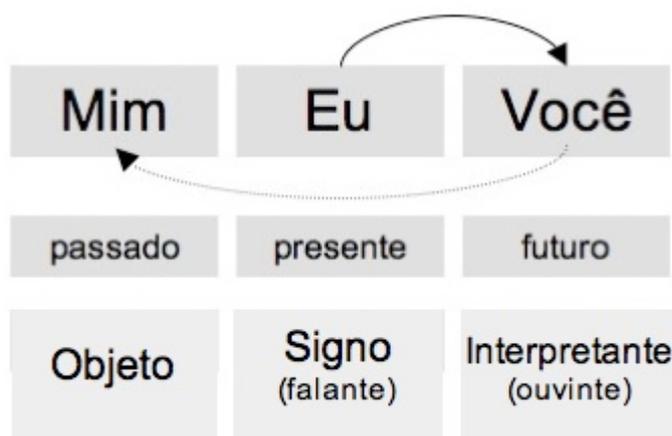


Figura 1. Representação gráfica do diálogo entre as três agências de si mesmo de acordo com Wiley, 1994.

Wiley (1994) chamou o modelo de conversação interna descrito acima de "modelo Peirce-Mead", por se tratar de uma síntese das idéias propostas pelos dois pensadores, acrescidas de algumas contribuições genuínas do próprio Wiley. Ao falar de pesquisas empíricas sobre o modelo, em seu livro *O Self Semiótico*, Wiley transcreve excertos de dados que ele coletou em diferentes situações em que pessoas falam sozinhas. Por exemplo, o autor insere o texto de uma secretária que fala sozinha ao se dirigir para o trabalho, ou, ainda, a transcrição da fala de um estudante inglês durante o sono. O instrumento de análise de Wiley para estas conversações é resumido no que ele chamou de estrutura da conversação interna: uma espécie de matriz que joga os participantes da conversação (*mim, eu, você*, visitantes temporários e permanentes e até manifestações involuntárias) e perfis (o tempo de conjugação das sentenças, por exemplo).

1.4. Análise dos instrumentos usados em estudos da conversação interna

Segundo Morin (2004), ainda que 15 anos tenham se passado desde que ele e Everett (Morin & Everett, 1990) expuseram a necessidade de se explorar a relação causal entre conversação interna e autoconsciência, muito poucas pesquisas empíricas foram realizadas nessa área. Isso talvez ocorra justamente pela dificuldade de se obter dados experimentais relacionados à conversação interna.

As pesquisas neuropsicológicas, fortemente beneficiadas com os avanços das técnicas de neuroimagem, estão restritas a delineamentos com um número limitado de participantes. O uso da neuroimagem é dispendioso e geralmente

dependente de participantes que irão se submeter a neurocirurgias ou vítimas de lesão cerebral. Além disso, os estudos que investigam a conversação interna nestas circunstâncias são compostos de tarefas que não foram construídas com o interesse específico no conteúdo de tais conversações. Além disso, em geral, o tempo de duração das tarefas é breve, apenas o suficiente para que as neuroimagens sejam captadas.

As escalas construídas para avaliação da conversação interna parecem focalizar diferentes aspectos do fenômeno. O *Self Observation Auto-Verbalization Inventory* (Morin, Everett, Turcotte & Tardif, 1993) explora a atividade de falar consigo mesmo sobre si mesmo e, neste sentido, restringe o escopo global da conversação. Sabe-se, pela escala, quem está com maior ou com menor atenção sobre si mesmo. Na mesma linha de interesse está a *Scale of Inner Speech* (Siegrist, 1995). Essas escalas apresentam boa correlação com a *Escala de Autoconsciência* (Fenigstein, Scheier & Buss, 1975), já validada para o Brasil por Teixeira e Gomes (1995). Contudo, Trapnell e Campbell (1999) mostraram que a conversação interna voltada para si mesmo nem sempre é sinônimo de bem-estar psicológico e, portanto, os autores desenvolveram uma medida para diferenciar ruminação e reflexão, sendo a primeira referente à conversa interna circular e repetitiva, e a segunda, um movimento dialógico que faz avançar o pensamento. Assim, as pesquisas sobre conversação interna, nesta perspectiva, têm consistido na comparação do desempenho destas escalas. Destaca-se aqui que o trabalho desenvolvido por Trapnell e Campbell (1999), buscando especificar e diferenciar ruminação e reflexão, expressa também a necessidade de se atentar para o conteúdo e as qualidades envolvidas no fenômeno dos processos reflexivos da consciência. O fato ressalta, portanto, a importância de se realizarem também pesquisas qualitativa nos estudos que envolvem a autoconsciência, como por exemplo o estudo realizado por DeSouza (2005).

Os dados empíricos apresentados por Wiley (1994) quanto à perspectiva do *self* semiótico e o acesso à conversação interna são interessantes, mas apenas ilustrativos. Estudos empíricos qualitativos sistemáticos foram realizados por DeSouza (2005) e por Gomes e Souza (2004). Contudo, compreende-se que eles ainda são em número insuficiente para uma compreensão e explicação satisfatória do fenômeno da conversação interna.

Dessa forma, a presente pesquisa está interessada em explorar a manifestação audível da conversação interna, comparando-a com medidas de

verbalização e de reflexividade. Para tanto, escolheu-se o contexto de resolução de problemas por não restringir o escopo global da conversação interna. As perguntas de pesquisa são as seguintes: 1. A externalização da conversa interna na resolução de problemas corresponde ao modelo semiótico proposto por Wiley (1994)? 2. Há relação entre as características da autoverbalização (tipos de dialogicidade e contagem de palavras) e o desempenho apresentado na solução de problemas? 3. Os participantes diferenciam-se quanto à conversa reflexiva e à conversa ruminativa? 4. Há alguma relação entre conversa ruminativa, neuroticidade e desempenho no teste?

Objetivos

O objetivo desse estudo foi registrar e propor formas de análise para a manifestação audível da conversação interna, comparando-a com medidas de verbalização e de reflexividade.

Expectativas

Com base na revisão de literatura anteriormente apresentada, algumas expectativas são formuladas:

1. A externalização da conversa interna deverá corresponder ao modelo semiótico de Wiley;
2. A qualidade e não a quantidade de verbalização estará associada a maior resolução de problemas;
3. Os perfis ruminativos deverão se associar com neuroticismo;
4. A predominância de reflexividade e ruminação não afetará o desempenho na solução de problemas.

CAPÍTULO II

MÉTODO

Participantes

O estudo contou com uma amostra de conveniência composta por um total de 39 adultos jovens, estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trinta indivíduos participaram da etapa de verbalização da conversa interna enquanto se resolvia o TMPR. Sete participantes foram excluídos da amostra, por dificuldades técnicas na coleta de dados, restando uma amostra de 23 participantes. Destes, 15 eram do sexo feminino (63,63%) e oito, do sexo masculino (36,36%). A média de idade dos participantes foi de 19,33 anos (DP=6,8), tendo o participante mais novo 17 anos de idade e o mais velho, 28.

Instrumentos

Foram utilizados quatro instrumentos: um questionário, uma escala, um teste resolvido seguindo a técnica de Bertau (1999) e uma entrevista, conforme a exposição que segue.

Questionário de ruminação e reflexividade (QRR) (Trapnell & Campbell, 1999)

Instrumento elaborado por Trapnell e Campbell em 1999, composto por 28 itens. Metade dos itens referem-se a sentenças indicando reflexividade, como, por exemplo, "eu adoro analisar por que eu faço as coisas" e a outra metade dos itens estão relacionados à ruminação, como "minha atenção está freqüentemente focada em aspectos sobre mim sobre os quais eu gostaria de parar de pensar". Essa escala já foi traduzida e validada para a população brasileira por Zanon e Teixeira (2006) e está em fase de publicação (Ver anexo B).

Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo (EFN) (Hutz & Nunes, 2001).

Nesse instrumento, é solicitado ao participante que responda a 57 itens, através de uma escala de 1 a 7, na qual "1" representa que "a frase absolutamente não o descreve bem"; e "7" significa que "a sentença o descreve perfeitamente bem." (Nunes, 2005). Alguns itens que constam do instrumento são: "Costumo ficar calado quando estou entre estranhos", "Adoro aventuras", "Costumo tomar a iniciativa e conversar com os outros." (Nunes, 2005) "Por neuroticismo entende-se uma dimensão

da personalidade que descreve o nível de ajustamento e instabilidade emocional frente a situações de desconforto psicológico como angústia, depressão e aflição" (Hutz & Nunes, 2001). Segundo os autores, indivíduos com níveis excessivamente altos ou baixos de neuroticismo podem apresentar problemas de ajustamento ou transtorno de personalidade e estão, em geral, mais propensos a vivenciar com intimidade o sofrimento emocional em situações de vulnerabilidade.

Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala avançada (TMPR) (Raven, 1965)

Teste empregado segundo o Método de Conversação Interna Verbalizada. Tal método investiga a conversação interna no contexto de resolução de problemas e foi proposto por Bertau (1999). Consiste na aplicação do Teste Matrizes Progressivas de Raven - Escala Avançada (TMPR) acompanhado de instrução dada aos participantes para que resolvam o teste "falando em voz alta todas as idéias que lhes vêm em mente". O TMPR é descrito como um teste de clareza do pensamento que busca investigar a qualidade do raciocínio lógico dedutivo por intermédio de tarefas gráficas. No Brasil, apenas as versões do Raven Escala Geral – Segunda Edição de 2001 publicado pela editora CEPA e as Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – Escala Especial de 1999 publicadas pela editora CETEPP se encontram atualmente favoráveis ao uso profissional. A versão do TMPR - Escala Avançada que é utilizada nesse estudo tem uma avaliação desfavorável e não se encontra em condições de uso salvo para casos de pesquisa, conforme consta no Artigo 16 da Resolução do Conselho Federal de Psicologia número 002/2003 (Conselho Federal de Psicologia, 2007). De todo modo, optou-se por utilizá-la nesse estudo por se tratar da mesma versão empregada nos estudos de Bertau (1999) e DeSouza (2005).

A versão brasileira do TMPR – Escala Avançada comercializado pela Editora CEPA é composta por duas séries de exercícios. A Série I é utilizada apenas como instrumental para checar se os participantes têm condições cognitivas de responder à segunda série. Como nesse estudo os participantes têm aproximadamente o mesmo nível universitário, optou-se por utilizar apenas a segunda série. A Série II do TMPR é composta por 36 itens divididos em três níveis de 12 itens cada. Um exemplo de item é ilustrado pela Figura 2.

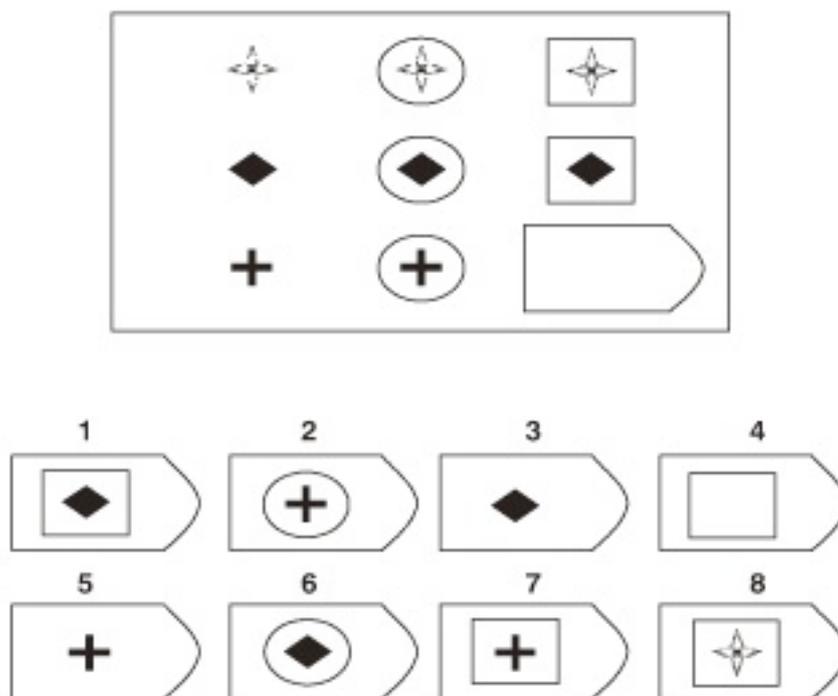


Figura 2. Exemplo de um item do TMPR ilustrado originalmente em D. I. Costa, Azambuja, Portuguese e J. C. Costa (2004, p. 113).

Entrevista de Complementação

Entrevista semi-estruturada composta por, em média, sete focos temáticos, criada pelos pesquisadores e realizada com o interesse de investigar a perspectiva experiencial dos participantes com relação ao fenômeno da conversação interna. Os itens que nortearam a entrevista foram perguntas como “você já havia prestado atenção nessas questões de conversar em voz alta antes?” e “você costuma conversar assim em alguma situação específica da sua vida cotidiana?”. A lista completa das questões abordadas nas entrevistas encontra-se no Anexo E.

Procedimentos

A aplicação dos instrumentos de auto-relato (QRR e EFN) foi realizada coletivamente na sala de aula dos alunos, em data previamente combinada. Os dados foram coletados em uma universidade pública. Nesse primeiro encontro, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e explicado, assim como os objetivos da pesquisa. Logo após, os participantes receberam as orientações quanto ao preenchimento de cada instrumento.

Na ocasião da aplicação coletiva dos instrumentos acima citados, marcaram-se os encontros individuais para a aplicação do TMPR e a realização da

entrevista fenomenológica sobre a experiência da conversa interna. Nos encontros individuais, os participantes foram solicitados a inicialmente responder o TMPR, verbalizando em voz alta os pensamentos que lhes ocorrem. Além dessa instrução, eram dadas as instruções padrão que constam no Manual do TMPR – Escala Avançada. O aplicador perguntava ao participante se ele preferia permanecer na sala sozinho. Quando o participante sinalizava o término da resolução do TMPR, o aplicador dava início a entrevista fenomenológica final. O encontro individual inteiro era gravado em audiotape.

O estudo foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e todos os participantes deram seu consentimento por escrito. Foram seguidas as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos do Conselho Federal de Psicologia (CFP), conforme resolução 016/2006.

Análise dos dados

A presente análise é uma combinação de critérios quantitativos e qualitativos tendo em vista a composição de uma descrição acurada e rigorosa das relações entre ruminação, reflexão e conversa interna. A análise está organizada em seis etapas: 1) levantamento das medidas delimitadoras da conversa interna durante a resolução da técnica Bertau/TMPR (tempo de duração, número de palavras verbalizadas, e número de acertos); 2) correlação dos perfis ruminativos e perfis reflexivos, obtidos pelo QRR, com o traço de neuroticismo obtido pela EFN; 3) correlação das medidas delimitadoras da conversa interna com os dados do QRR; 4) classificação dos enunciados da conversa interna de acordo com as três categorias proposta por DeSouza (2005) (descrição visual, raciocínio lógico, e diálogos), deixando aberta a liberdade fenomenológica de oferecer novas classificações aos enunciados; 5) identificação de casos extremos para análise qualitativa da conversa interna, de acordo com os dados das medidas delimitadoras e da classificação dos perfis ruminativos e reflexivos; e 6) análise fenomenológica da entrevista para caracterização da perspectiva de primeira pessoa (subjetividade dos participantes), diante da situação de pesquisa e da vivência pessoal da conversa interna.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

3.1. Levantamento das medidas delimitadoras da conversação interna durante a resolução da técnica Bertau/TMPR

A manifestação audível da conversação interna gravada em audiotape, durante a aplicação do TMPR, trouxe um conjunto abrangente das diversas propriedades do fenômeno, das mais simples às mais complexas. A resolução dos problemas em voz alta permitiu acompanhar o estabelecimento da conversação interna, desde as manifestações iniciais de enunciações fragmentadas em forma de interjeições e exclamações, até alcançar o encadeamento discursivo com as três temporalidades semióticas (signo [eu-presente], objeto [mim-passado], interpretante [você-futuro]). Foi realizado, para cada protocolo transcrito, o registro de tempo, o registro do número de palavras para a resolução de cada item do Bertau/TMPR, e o levantamento classificatório de suas propriedades lingüísticas.

A análise da manifestação audível da conversa interna dos participantes ao resolverem o TMPR orientou-se pela sugestão de Bertau (1999) e de Bartl e Dörer (1998). Os critérios de comparação e caracterização dos protocolos foram os seguintes: tempo utilizado para conclusão da tarefa, número de palavras verbalizadas e número de acertos de cada participante. O TMPR - Escala Avançada se apresenta dividido em três níveis, sendo, cada um deles, composto por 12 itens, totalizando 36 itens. Assim, os resultados foram analisados considerando-se cada nível e o resultado total.

3.1.1. Registro de tempo de duração na resolução do Bertau/TMPR

As gravações da conversação interna durante a resolução do TMPR duraram em média 40 minutos e 41 segundos ($M = 2425,44$ segundos, $DP = 1857,46$), sendo 9 minutos e 58 segundos o menor tempo, e 121 minutos e 8 segundos o maior tempo na resolução da tarefa. O tempo médio que cada participante levou para resolver o TMPR está indicado na Figura 3.

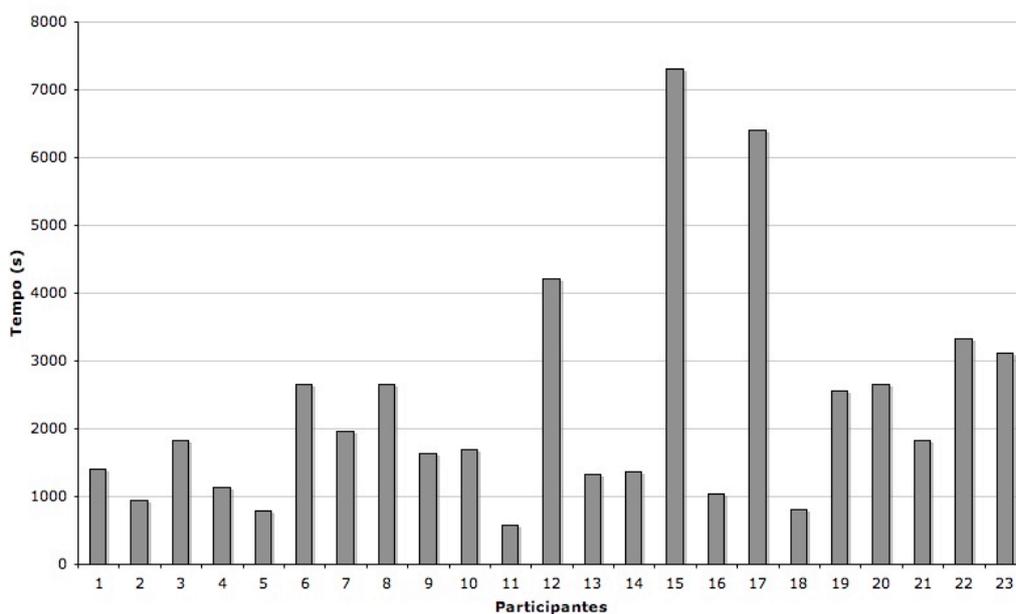


Figura 3. Histograma do tempo médio (em segundos) de cada participante da amostra no Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada.

O tempo médio despendido na resolução do TMPR foi de 8 minutos e sete segundos para o primeiro nível; 12 minutos para o segundo; e 19 minutos e sete segundos para terceiro. Como era esperado, o aumento do tempo despendido em cada nível foi proporcional ao incremento da dificuldade da tarefa. Ressalte-se que o tempo despendido no segundo nível aumentou em 37% com relação ao primeiro nível e em 126% no terceiro em relação ao primeiro, sendo que, nesta última, apenas 40% da amostra respondeu aos 12 itens. O tempo médio (em segundos) despendido em cada um dos três níveis do TMPR está ilustrado na Figura 4.

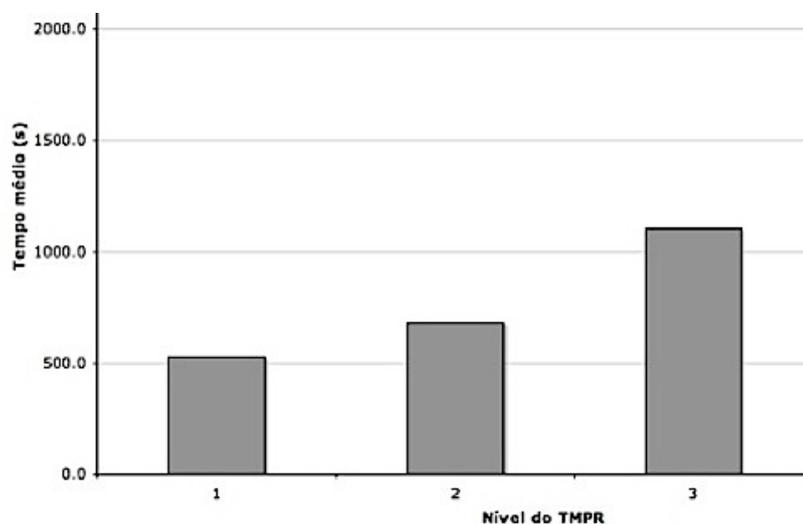


Figura 4. Tempo médio (em segundos) despendido em cada um dos três níveis do Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada.

3.1.2. Registro do número de palavras na resolução do Bertau/TMPR

A quantidade de palavras verbalizadas durante a resolução do TMPR variou entre 687 e 9157 palavras. A média de palavras verbalizadas foi de 2649,61. A relação média da quantidade de palavras verbalizadas por participante está na Figura 5.

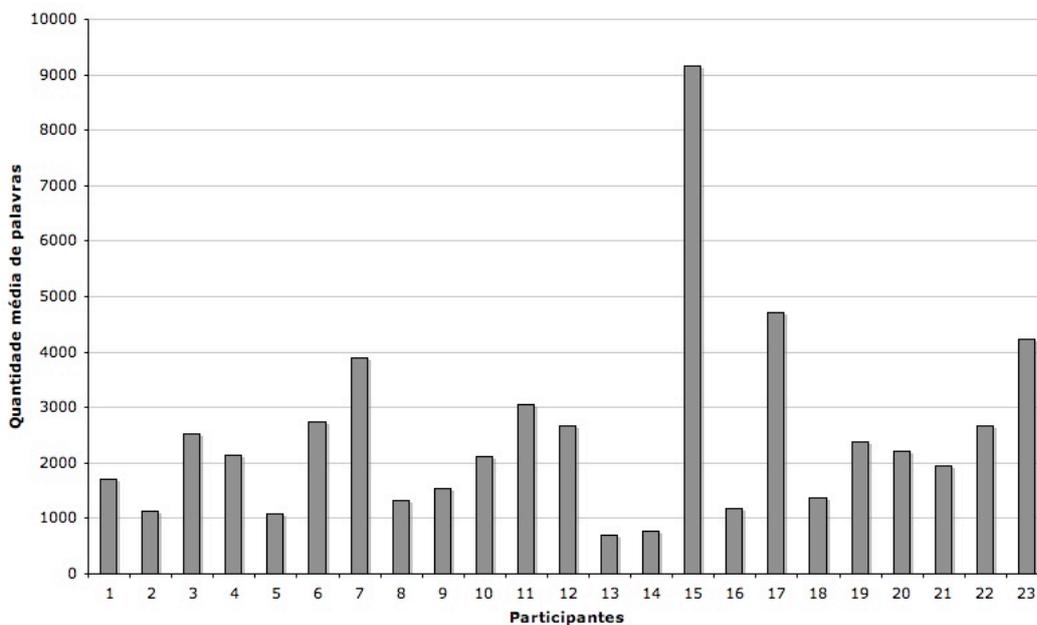


Figura 5. Palavras verbalizadas durante a resolução em voz alta do TMPR por participante.

Houve um aumento gradativo do número de palavras com o avanço das dificuldades nos itens das matrizes progressivas. A média de palavras no primeiro nível foi de 976,31, aumentando 103% no segundo nível, com média de 1982,10, e aumentando mais 10% no terceiro nível, com média de 2304,47. Na Figura 6 observa-se a quantidade média de palavras verbalizadas em cada um dos níveis do TMPR para cada participante.

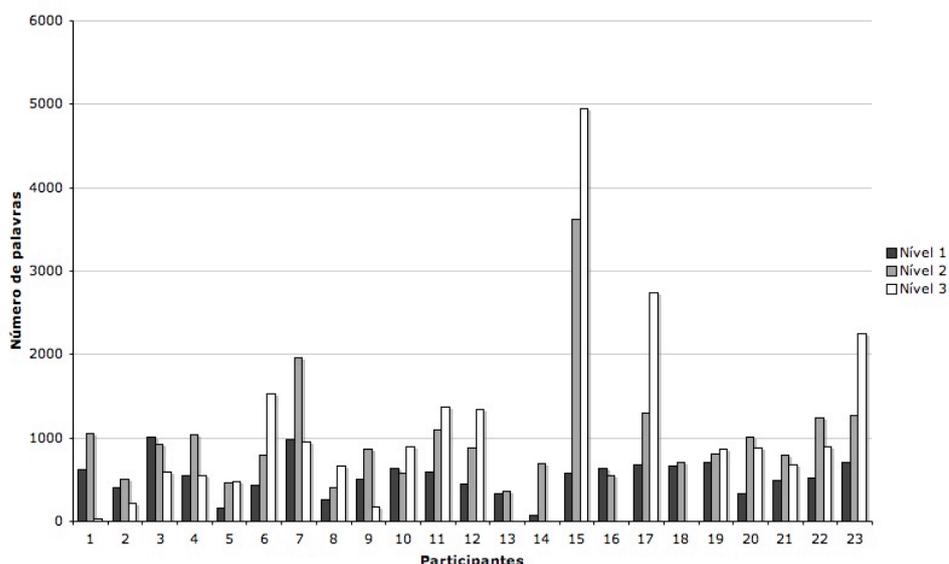


Figura 6. Palavras verbalizadas em cada um dos níveis do TMPR para cada participante da amostra.

O dado interessante da comparação do número de palavras é a diferença entre o primeiro e o segundo níveis, pois todos os participantes resolveram até o exercício 24. Já no terceiro nível, além da diferença no aumento de palavras não ter sido tão evidente (10%), nem todos os participantes chegaram a resolver todos os exercícios. Apenas 40% da amostra responderam a todos os 12 últimos exercícios, correspondentes ao terceiro nível. Embora muitos participantes não tenham respondido a todos os exercícios, ocorreu um aumento expressivo no número de palavras, indicando que o número de palavras verbalizadas sofreu um aumento diretamente proporcional à dificuldade da tarefa. O aumento do número de palavras ao longo dos três níveis do TMPR pode ser observado graficamente na Figura 7.

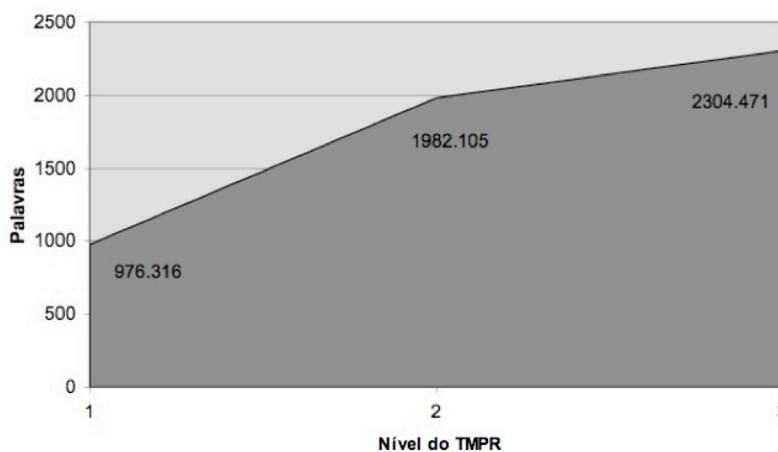


Figura 7. Média de palavras verbalizadas pelos participantes durante a resolução do Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada.

3.1.3. Registro do desempenho na resolução do Bertau/TMPR

O desempenho médio dos 23 participantes no TMPR foi de 77,1% (DP=19,03), sendo o menor desempenho de 19% e o maior 97% de acertos. O desempenho geral de cada participante pode ser acompanhado na Figura 8. A média de acertos no teste decresce à medida em que aumenta o grau de dificuldade: 90% (DP=17,98) no primeiro nível, 77% (DP=23,33) no segundo nível, e 57% (DP=25,18) no terceiro nível. Estes resultados estão representados graficamente na Figura 9. De um modo geral, os participantes diminuíram gradativamente o rendimento durante a realização da tarefa. Apenas dois participantes apresentaram um desempenho superior no terceiro nível do TMPR com relação ao segundo nível. Os dados de desempenho intra-sujeitos com relação a cada nível do TMPR podem ser observados detalhadamente na Figura 10.

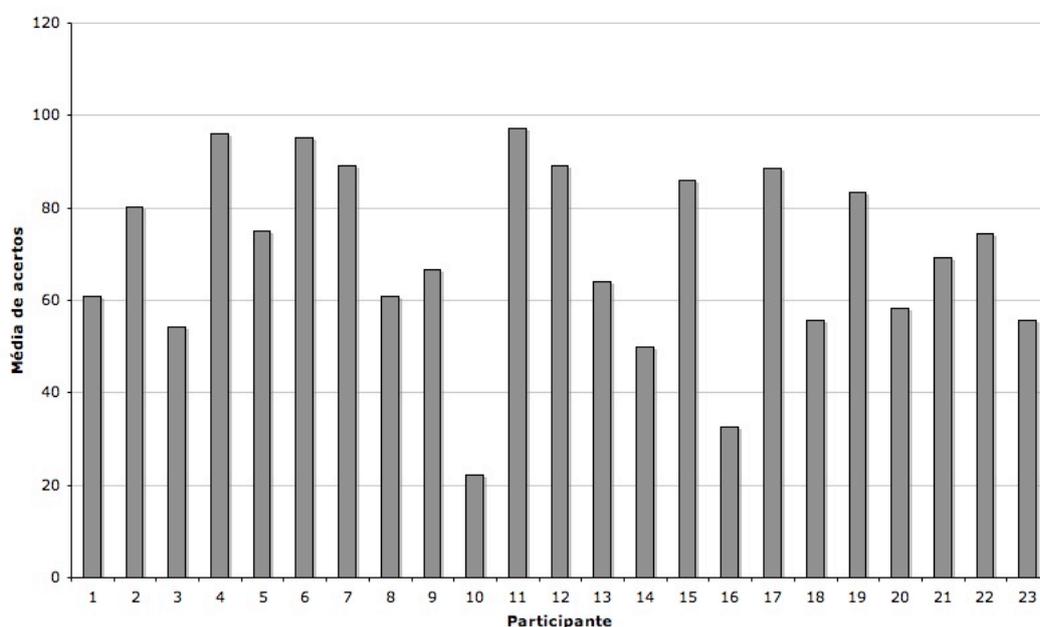


Figura 8. Porcentagem média do total de acertos de cada participante no Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada.

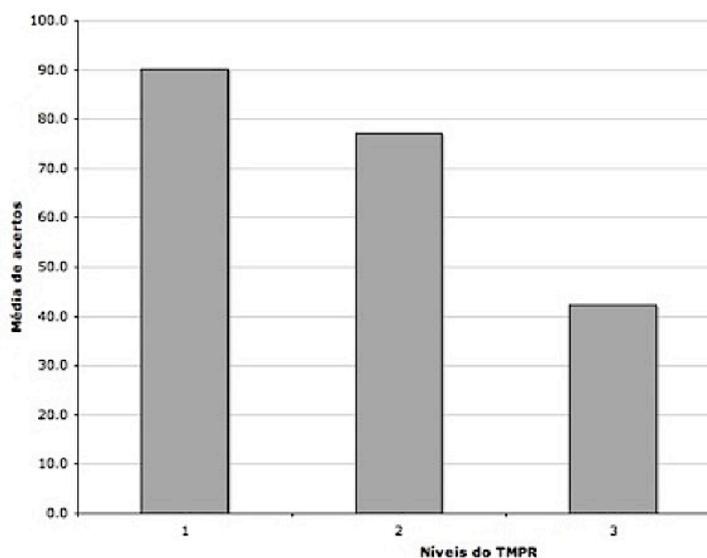


Figura 9. Porcentagem média de acertos no Teste Matrizes Progressivas de Raven para os respectivos níveis.

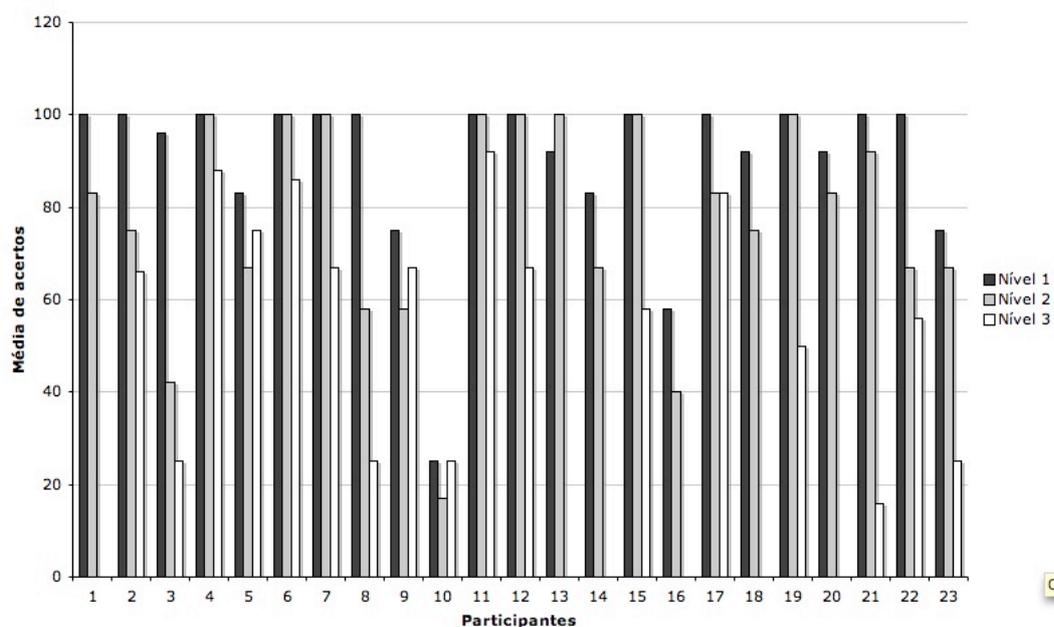


Figura 10. Desempenho médio intraparticipantes relativo aos níveis do TMPR.

3.2. Classificação de perfis dos participantes quanto a traços de Ruminação, Reflexão e Neuroticismo

As respostas dos 39 participantes ao Questionário de Ruminação e Reflexão – QRR diferenciaram perfis de ruminação e reflexão no mesmo estilo dos achados de Zanon & Teixeira (2006). A distribuição dos participantes com relação a essas duas variáveis se assemelhou à distribuição normal, conforme se pode observar na Figura 11.

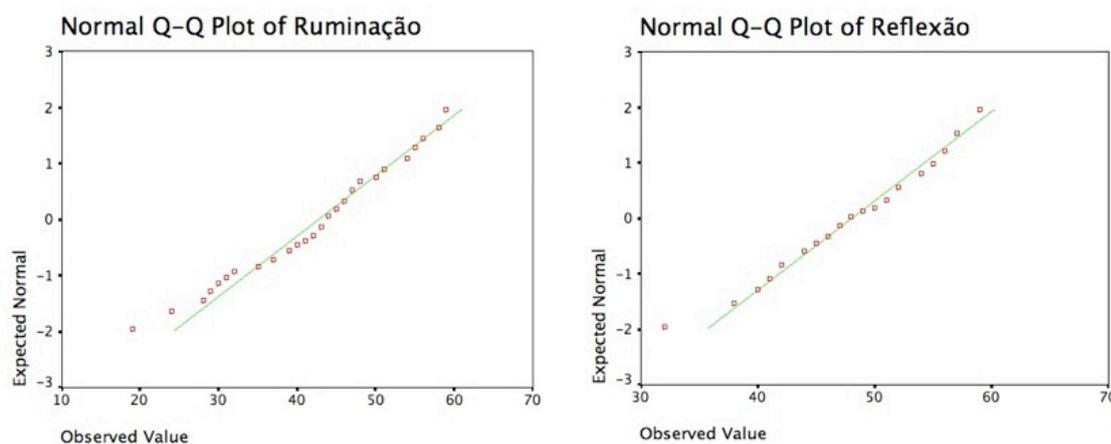


Figura 11. Distribuição dos participantes com relação aos escores de ruminação e reflexão e uma distribuição normal.

Encontrou-se uma média de 42,72 (DP=9,31) para ruminação e 47,97 (DP=6,23) para reflexão. A Tabela 1 apresenta a média e o desvio-padrão dos escores para as escalas de ruminação e reflexão de acordo com as diferenças de gênero e no total da amostra. Não se encontraram diferenças significativas entre os escores de homens e mulheres para ruminação ($t = -.89$; $p = .36$) e reflexão ($t = .81$; $p = .665$).

Tabela 1. Média e desvio-padrão para Ruminação e Reflexão de homens, mulheres e do total da amostra.

Escala	Mulheres(1)		Homens(2)		Total(3)	
	M	DP	M	DP	M	DP
Ruminação	43.72	8.80	40.93	10.23	42.72	9.30
Reflexão	47.36	6.20	49.07	6.35	47.97	6.23

n(1)=25 n(2)=14 n(3)=39

As combinações de escores baixos, médios e altos em ruminação e reflexão produziram nove diferentes perfis: participantes com 1) baixos escores em ruminação e baixos escores em reflexão, 2) baixos escores em ruminação e médios escores em reflexão, 3) baixos escores em ruminação e altos escores em reflexão, 4) médios escores em ruminação e baixos escores em reflexão, 5) médios escores em ruminação e médios escores em reflexão, 6) médios escores em ruminação e altos escores em reflexão, 7) altos escores em ruminação e baixos escores em reflexão, 8) altos escores em ruminação e médios escores em reflexão,

e 9) altos escores em ruminação e altos escores em reflexão. A classificação completa dos perfis combinados de ruminação e reflexão podem ser acompanhados na Figura 12.

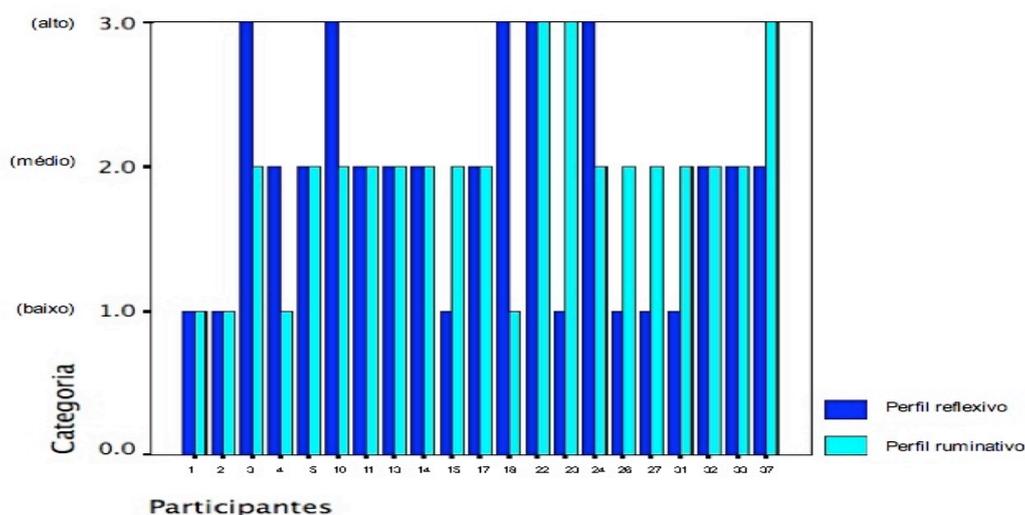


Figura 12. Classificação geral dos perfis combinados de reflexão e ruminação para cada participante da amostra.

Os resultados da Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo (EFN) indicaram uma correlação positiva moderada ($r = .514$, $p < .01$) entre o traço de neuroticismo e ruminação. De todo o modo, nenhum dos participantes pontuou acima ou abaixo dos pontos de corte indicados pelo Manual da EFN (Hutz & Nunes, 2001). A Tabela 2 apresenta a média e o desvio-padrão dos escores para a EFN, de acordo com as diferenças de gênero e no total da amostra. Não se encontraram diferenças significativas entre os escores de homens e mulheres para o fator neuroticismo ($t = 2.84$; $p < .709$).

Tabela 2. Média e desvio-padrão para o fator neuroticismo de homens, mulheres e do total da amostra

Fator	Mulheres(1)		Homens(2)		Total(3)	
	M	DP	M	DP	M	DP
Neuroticismo	91.33	12.22	104.75	10.55	95.46	13.14

n(1)=25 n(2)=14 n(3)=39

3.3. Medidas delimitadoras da conversação interna e os dados do QRR;

Compararam-se os dados do Questionário de Ruminação e Reflexão (QRR) descritos na sessão anterior com os resultados observados na primeira

sessão do estudo, dos participantes que responderam o Tmpr. A amostra de 23 participantes não apresentou distribuição normal. Portanto, utilizou-se a correlação de *Spearman* para se compararem as seguintes variáveis: perfis ruminativos, perfis reflexivos, número de palavras verbalizadas no Tmpr, tempo de realização do Tmpr, e desempenho no Tmpr. A única correlação encontrada considerada alta (Bisquerra, Sarriera & Martínez, 2004) foi entre o tempo de realização do Tmpr e o número de palavras verbalizadas ($r = .760$, $p < .001$). Essa correlação é óbvia e esperada, pois, à medida em que os participantes ficam mais tempo resolvendo o teste, é esperado que verbalizem mais. Não se encontraram correlações significativas entre os perfis ruminativos, reflexivos, o tempo de execução do Tmpr, o número de palavras verbalizadas durante a resolução do teste e o desempenho de cada participante (Tabela 3). Esse resultado indica que as conversações internas verbalizadas apresentaram variações diversas entre cada participante, reforçando a necessidade de se avaliarem os casos individualmente.

Tabela 3. Correlação de *Spearman* entre perfis ruminativos, perfis reflexivos, desempenho, número de palavras e tempo de execução

	Reflexão	Ruminação	Desempenho	Nº de palavras
Reflexão				
Ruminação	.108			
Desempenho	-.082	-.239		
Nº de palavras	.028	.067	.123	
Tempo	.139	.184	-.191	.763**

(**) Correlação significativa para $p < .001$

3.4. Análise qualitativa das manifestações audíveis da conversação interna

Aplicou-se às transcrições contidas nos 23 protocolos de conversação interna a classificação de enunciados desenvolvida no estudo fenomenológico de DeSouza (2005). A autora tomou cada enunciação como uma unidade estrutural de sentido e a interpretou com base na função que exercia na conversação, distinguindo-as em enunciados informacionais (descrição visual e raciocínio lógico) e comunicacionais (diálogos explícitos relativos à resolução da tarefa). Tecnicamente, a distinção entre informação e comunicação ocorre no teor da mensagem que articula os enunciados e se refere à diferenciação de probabilidade (informação) e de possibilidade (comunicação) (Lanigan, 1992). Em se tratando

da veiculação de mensagens, todos os enunciados formam encadeamentos, utilizam sentenças gramaticais e também podem ser considerados diálogos. Portanto, a classificação não é uma taxonomia de conceitos mas uma designação funcional. A presente análise acrescentou à classificação de DeSouza (2005) a distinção entre o objeto da conversação centrada na tarefa ou centrado no próprio sujeito (*self*). A Figura 13 apresenta o esquema geral das classificações dos enunciados obtidas no presente estudo.

A análise classificatória é ilustrada, a seguir, por excertos, escolhidos ao acaso, de respostas ao item 12 do Tmpr. Os números em colchetes indicam os tempos em segundos de início e fim da resolução do item ou os momentos de silêncio que foram computados. As designações entre parênteses classificam os enunciados enquanto unidades estruturais de sentido.

[6:17]

- *Ah, esse me parece... que é bem fácil.* (Descrição pessoal) *'cura com o outro e aí tem o terceiro....* (Descrição visual) *Uma estrela de Davi aqui, uhum.* (Descrição visual) *Tá... aí tá a estrela envolta num círculo e com uma bola no meio,* (Descrição visual) *e depois ela fica só a estrela* (Raciocínio Lógico) *e o que sobra? A bola com o círculo!* (Pergunta sobre o teste e Resposta) *Primeiro tem um triângulo e um círculo, tira o triângulo* (Raciocínio Lógico), *o que sobra? A bola!* (Pergunta sobre o teste e Resposta) *Triângulo, com a bolinha, tira o triângulo* (Raciocínio Lógico) *e o que sobra? A bolinha!* (Pergunta sobre o teste e Resposta) *Muito bem!* (Exclamação) [risos] *Minha auto, minha autolegenda.* (Descrição pessoal) *Porque esse aqui tava muito fácil!* (Raciocínio pessoal)

[7:01]

(Participante 04)

[11:36]

- *Ai esse..* (Exclamação) *igual..* (Descrição visual) *Esse mais esse, esse.* (Raciocínio lógico) *Esse mais esse, esse, esse mais esse...* (Raciocínio lógico). *Esse aqui é difícil.* (Raciocínio pessoal) [58s] *humpf...* [16s]

[12:47]

(Participante 18)

[11:25]

- Agora o número 12 (Descrição visual) [3s] Tá. Uma bolinha com uma estrelinha dentro, (Descrição visual) depois fica só a estrelinha, depois fica só a bolinha. (Raciocínio Lógico) [3s] Tá. Então aqui é só a bolinha. (Raciocínio Lógico)

[11:38]

(Participante 23)

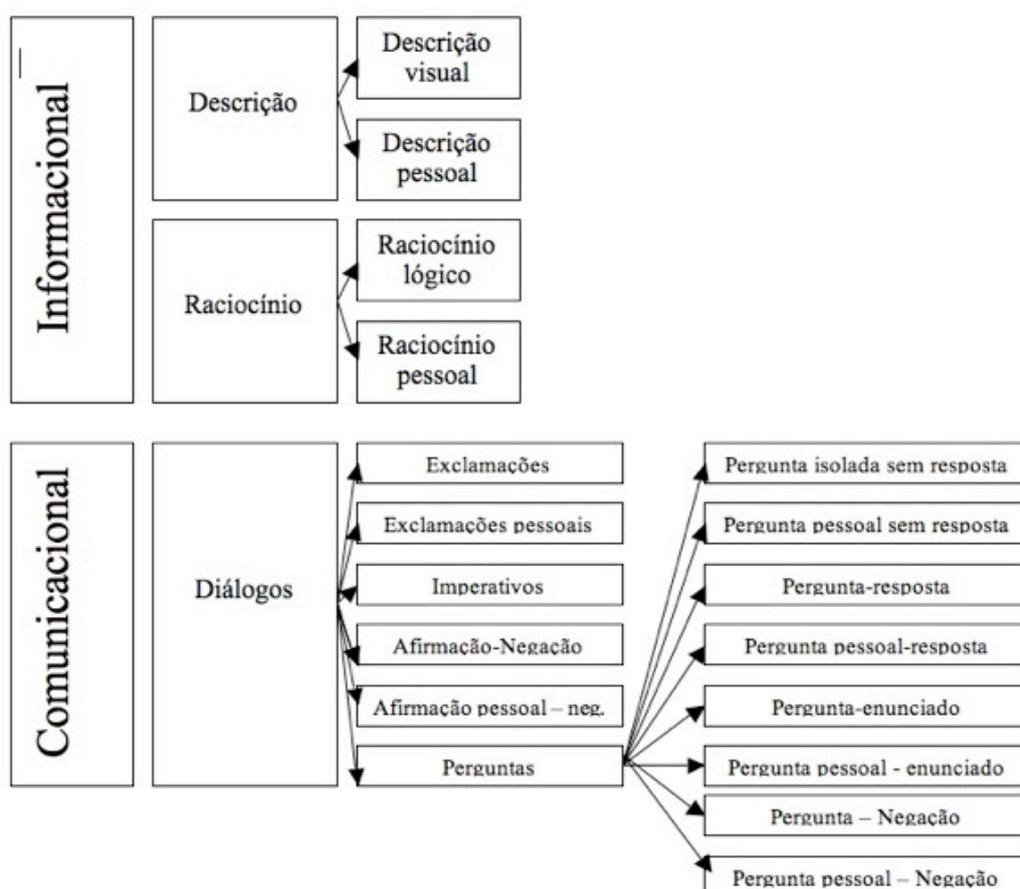


Figura 13. Esquema geral da classificação dos enunciados

Definições das funções dos enunciados na conversação interna

Os enunciados descritivos trazem as primeiras reações do participante diante da configuração gráfica dos itens. As reações foram classificadas como “descrição visual” e “descrição pessoal”. Na “descrição visual”, os participantes trazem o que eles vêem fisicamente no teste. Exemplos:

- *Tem um tezinho, uma cruzinha, e um negocinho com um negocinho embaixo. Nesse aqui é um tezinho com um outro aqui.* (Participante 23)

- *Aí na primeira se poderia dizer que é um triângulo sem a base, na segunda linha é um meio círculo sem o diâmetro, na quarta linha é um... meio hexágono.* (Participante 17)

Em alguns momentos, as descrições são enriquecidas por metáforas e associações com outras formas do universo do participante:

- *Parece as florzinhas da minha pulseira. Um monte de infinito.* (Participante 08)

- *Bandeirinha dos Estados Unidos...* (Participante 09)

- *Parece aqueles barquinhozinhos de papel...* (Participante 04)

Na “descrição pessoal”, comenta-se a respeito do estado com que se apresenta não mais o problema do teste, mas, sim, o do sujeito que resolve o teste:

- *Ai, tô me esforçando aqui pra ficar falando sozinha!* (Participante 03)

- *...depois com esse negócio aqui e eu não sei se adianta muito eu ficar falando ‘esse negócio, troço’, que é isso que eu to pensando. É bem isso.* (Participante 23)

- *Eu não tenho a mínima idéia do que que é isso aqui.* (Participante 23)

- *Eu não to mais conseguindo relacionar nada.* (Participante 23)

- *Faz muito e eu não sei se eu consigo resolver essa aqui. Não consigo.* (Participante 23)

- *Bah, eu tô ouvindo uns pensamentos, tô tentando bani-los pra não precisar dizer...* (Participante 13)

Os enunciados “raciocínio” referem-se a regras ou teorias intrínsecas ao item ou ao sujeito que responde ao item. São os enunciados da descoberta da solução do problema. Os “raciocínios” se caracterizam pela presença marcante de verbos de ação ou enunciação de regras, ou, ainda, por uma "teorização" sobre o que rege o determinado problema do teste. Do mesmo modo que nos enunciados descritivos, observou-se a manifestação de dois modos de raciocínio. Aqueles referentes à resolução do problema, designados “raciocínio lógico”, e aqueles referentes ao próprio sujeito que estava ali respondendo ao teste, designados “raciocínio pessoal”. Os enunciados a seguir exemplificam o raciocínio lógico:

- *Isso aqui pra cá, girou..* (Participante 05)

- *Ocorre um desmonte. De cima pra baixo ocorre um desmonte. O círculo sai pra fora, o círculo desliza pra fora.* (Participante 15)

- *Algo me diz que tem que ter o ponto.* (Participante 15)

- *Isso aqui é uma lógica a primeira é de cima pra baixo na segunda coluna é de baixo pra cima... e na terceira ele faz aleatório.* (Participante 03)

- *Se tivesse aqui, pelo menos, eu vinha por aqui. Mas não. Então esse, vamos chutar.* (Participante 23)

Houve participantes que expuseram o raciocínio lógico com tanta clareza que foi possível o acompanhar todas as etapas percorridas na solução do problema.

Exemplo:

- *O quadrado na primeira coluna- na segunda coluna mandou ele abaular os lados, então ele virou um quadrado com os lados abaulados. O segunda fileira, era uma cruz, a indicação pediu pra que ele gi- girasse assim de um determinado ângulo, então ele angulou. O terceiro, ele não só pediu que ele girasse um certo ângulo, mas pra abaular os lados, então vai ser o sete, o 18.* (Participante 19)

Os "raciocínios pessoais" apareceram quando o participante teorizava sobre si e expressava os sentimentos dele sobre o momento em que se encontrava:

- *Quanto mais eu falo menos eu me concentro!* (Participante 02)

- *Vou ficar um tempão fazendo isso... ai, melhor se eu olhar as respostas, né?* (Participante 02)

- *Pra quem fez sete em matemática no vestibular eu até que to indo bem nisso aqui.* (Participante 23)

- *A concentração é um negócio muito importante, tipo é foda o cara tem que se acostumar muito...* (Participante 13)

Os enunciados classificados como "diálogos" trazem a conversação interna no seu ciclo completo, que é o encadeamento explícito de exclamações, interjeições, imperativos, negações, perguntas e respostas. Desta forma, eles abrangem todo o conjunto dos enunciados. O diálogo aponta para a relação entre o que fala e o que ouve. Por isso, o reconhecimento dos diálogos requer a leitura de toda a seqüência enunciativa. É no diálogo que se vê com clareza os tempos da conversação, o eu (presente, signo) falando com o você (futuro, interpretante) sobre o mim (passado, objeto). É também no diálogo que aparecem as múltiplas vozes do *self*, ou as diferentes perspectivas que foram designadas de visitantes da teoria do Wiley (1994) e de múltiplos *selves* na teoria de Hermans (1996). Enunciados do tipo "diálogos" se caracterizam na conversação interna como

diferenciadores de possibilidades (DeSouza, 2005). Os diálogos também apresentaram variações de foco, seja para o problema da tarefa, seja para o próprio *self*, isto é, exclamações-pessoais, perguntas-pessoais, enunciados-pessoais, etc. Exemplos de exclamações com foco na resolução do problema:

- *Mas é fácil até! Não é tão casca!* (Participante 13)
- *Dois... oh, que interessante!* (Participante 17)
- *Ai, que bizarro isso aqui, meu Deus!* (Participante 03)
- *Aqui em cima, meu Deus do céu! No meio! Que é isso cara?!* (Participante 23)

Exemplos de exclamações relativas ao estado e sentimentos do participante ao responder o teste:

- *Ai, não vejo nada aqui!* (Participante 19)
- *Ah, entendi!* (Participante 03)

Os imperativos são sentenças faladas nas quais o participante envia ordens para si mesmo:

- *Cara, se concentra!* (Participante 13)
- *Não, 'pera aí!* (Participante 23)
- *Deixa eu ver se pode fazer em cruz.* (Participante 23)
- *Tá. respira.* (Participante 10)

A análise dos encadeamentos de enunciados identificou sentenças que são afirmativas. Ou seja, o participante faz uma asserção a respeito do que está observando no teste e, logo em seguida, nega-a:

- *Então talvez os dois embaixo a direita e o branquinho, sei lá, em cima, à esquerda. Não! Não tem nenhum.* (Participante 23)
- *Losango risquinho... é. Não, quadrado risquinho.* (Participante 14)

O mesmo ocorre com enunciados a respeito da própria pessoa e/ou seu estado, que são seguidos de uma reação negativa:

- *Na primeira linha, é... estou no caminho... não, não vou chegar a lugar nenhum assim, é... bom, eu vou marcar a 6, porque fecha com a primeira conclusão que eu tive...* (Participante 15)

As interrogações, marcadas principalmente pela entonação da voz, apresentaram oito ramificações:

1) Perguntas isoladas, sem resposta – aquelas que o participante não responde verbalmente:

- *Que que tem a ver uma coisa com a outra? Depois uma riscada...*

(Participante 23)

- *Agora qual dos dois?* [nove segundos de pausa] *Xizao, xizão. Hm..*

(Participante 18)

2) Perguntas pessoais isoladas sem resposta – aquelas a respeito do estado e/ou dos sentimentos do participante para consigo mesmo, ou pedidos de informação que ele faça a título de curiosidade para si mesmo:

- *Será que tem alguma profissão que seja só fazer isso?* (Participante 13)

- *Como é que se fala há tanto tempo que realmente existia um quociente de inteligência?* (Participante 13)

3) Pergunta - resposta sobre a resolução do problema:

- *Fica sombreado por quê? Do meio fica o mesmo e os do lado.. ah!*

(Participante 02)

- *Então vai formar um quadrado com a bolinha? Eu acho.* (Participante 23)

- *Só que então como é que vai ser? Vai ser do outro lado.* (Participante 23)

- *Então, por que tu achou isso? Porque são o esquerdo com os três tracinhos encima, aqui são os tracinhos encima com um grossinho.* (Participante 23)

4) Pergunta - resposta sobre o próprio participante:

- *Quando a gente não tem certeza? Eu não tenho certeza.* (Participante 02)

- *E daí o que que eu vou fazer? Não sei! Que droga!* (Participante 23)

5) Pergunta - afirmação – sentenças em que o participante questiona algo e responde com uma asserção que exprime alguma regra ou teoria, ambos relativos ao teste:

- *Qual a semelhança entre os quadrados? Que tem listras diagonais.*

(Participante 16)

- *Teria que ser o 1 ou teria que ser o 7? Teria que ser o 1, porque eu to vendo pela primeira linha que ele não está deitado, está apenas curvo.* (Participante 15)

6) Pergunta - afirmação pessoal – pergunta cuja resposta é algo relativo ao seu estado pessoal ou sentimento no momento do teste:

- *O que isso quer me dizer? Pfff.. não faço idéia!...* (Participante 17)

- *Ahm... como é que eu poderia descrever isso? Bom pra mim é difícil descrever, mas eu vejo que de cima pra baixo ocorre a soma dos padrões d'água, ocorre a soma dos padrões das ondas.* (Participante 15)

7) Pergunta - negação relativa ao teste – perguntas relativas ao teste seguidas de uma resposta negativa:

- *Será que vai ser um x? Não.* (Participante 23).

8) Pergunta - negação pessoal – pergunta relativa ao estado pessoal do participante ou a seus sentimentos e resposta negativa emitida na seqüência:

- *Tô demorando muito? Não, tô bem...* (Participante 17)

- *Tipo, bah, eu curto música afu (sic). Mas volta e meia eu não consigo me concentrar pra ouvir uma tipo, uma longa música inteira.* (Participante 13)

A análise apresentada confirma e expande os achados de DeSouza (2005) na distinção entre aspectos informacionais e comunicacionais presentes na conversação interna. Os enunciados informacionais de “descrição” e de “raciocínio” se caracterizam como diálogos emitidos do *self* para o *self*, mas que são recebidos passivamente pelo *self*. Eles não requerem uma resposta ativa ou reação verbal imediata (DeSouza, 2005). Neste sentido, “informação” refere-se, precisamente, a “notícias, fatos ou sabedoria dada” (Hornby & Ruse, 1992, p. 329). Os enunciados comunicacionais se caracterizaram propriamente como diálogos, nos quais o *self* ou os *selves* explicitamente conversam entre si, tomam posições, confrontando, reforçando ou mesmo ignorando a posição previamente expressa.

A novidade da presente análise está na distinção de dois focos na conversação interna: 1) os enunciados voltados ao contexto da resolução de problemas, e 2) os enunciados voltados ao contexto pessoal do participante. A concentração na resolução do problema é o foco esperado no comportamento do participante. A surpresa foi se deparar com a conversação interna enquanto manifestação da própria autoconsciência durante a resolução de problemas. Ora, assim como se conceitualiza autoconsciência enquanto a circunstância em que o sujeito é objeto da sua própria consciência, observam-se enunciados que marcadamente manifestam essa instância em seu exercício pleno. Em contraste, outras verbalizações indicam o fluxo da consciência do sujeito voltado para a execução da tarefa proposta. Tal distinção apóia a diferenciação dos focos na pessoa e na tarefa.

3.5. Estudo de casos extremos

A realização da análise de sete casos de conversa interna dentro do estudo ocorreu devido ao fato de os resultados descritos grupalmente (tanto na parte quantitativa quanto na parte qualitativa com 23 participantes) abordarem parcialmente o fenômeno da conversa interna. A instrução dada aos participantes de “falar em voz alta tudo que lhes vem em mente” produziu resultados demasiadamente diversos. Não se sabe ao certo o quanto cada participante entendeu que a ênfase deveria ser dada nos pensamentos ligados à resolução de problema ou aos demais sentimentos e idéias que lhes ocorriam. Além disso, a concepção da conversa interna enquanto uma atividade do *self*, ou seja, o pressuposto de que toda e qualquer produção de signos do *self* é resultado de atividades exercidas pelos interlocutores (ou identidades) do *self*, levou-nos a procurar, na efetivação dessa atividade, regularidades, que permitissem observar a existência de um sistema de desempenho de signos. O lugar privilegiado para a identificação das regularidades que compõem tal sistema foram as evidências captadas da conversa interna nos protocolos produzidos nesse estudo. Afinal, eles possuem, em sua materialidade, as marcas do processo formulativo-interativo, diferentemente dos dados fornecidos por instrumentos de auto-relato. Nos protocolos, as regularidades se manifestaram como tendências de estruturação definidas pelo caráter sistemático de determinados processos de construção, dado por sua recorrência em um contexto definido, pelas marcas formais que os caracterizam e pelo preenchimento de funções interacionais que lhes são específicas.

As propriedades métricas da aplicação da técnica Bertau/TMPR e do QRR permitiram a definição de sete casos extremos, com base no tempo de duração, número de palavras, número de acertos, e as combinações alta ruminação e baixa reflexão, e alta reflexão e baixa ruminação. A Tabela 4 traz a relação dos casos extremos com os respectivos indicadores.

Tabela 4. Relação dos participantes selecionados a partir dos critérios adotados a partir dos resultados quantitativos coletados na primeira parte do estudo.

Critério	Pontuação	Participante Selecionado	Sexo
Maior tempo no TMPR	7310s	15	Masculino
Menor tempo no TMPR	938s	2	Feminino
Maior número de palavras no TMPR	9157 palavras	15	Masculino
Menor número de palavras no TMPR	687 palavras	14	Feminino
Maior desempenho no TMPR	97%	11	Feminino
Menor desempenho no TMPR	19%	10	Feminino
Alta ruminação e baixa reflexão	50 pontos/ 44 pontos	13	Feminino
Alta reflexão e baixa ruminação	59 pontos/ 31 pontos	12	Masculino

Observa-se, na Tabela 4, que o participante 15 obteve dois dos escores extremos aqui utilizados como critério: maior tempo de duração e maior número de palavras (única correlação significativa encontrada). Assim, obteve-se um conjunto de sete casos. Para a realização da análise, tomou-se um recorte de 10 minutos dos protocolos de transcrições da conversação interna. O intervalo escolhido foi dos 5 aos 15 minutos, considerando ser um período comum a todos os protocolos e estarem os participantes mais familiarizados com a tarefa. A análise concentrou-se no exame de enunciados informacionais e enunciados dialógicos, e enunciados referentes à tarefa e ao *self*. Foram consideradas as várias formas de enunciação: exclamações, imperativos, perguntas pessoais, perguntas sobre a tarefa, raciocínios lógicos pessoais, raciocínios lógicos sobre a tarefa, descrições verbais pessoais e descrições verbais sobre a tarefa. Os critérios de análise estão dispostos graficamente na Tabela 5. Nos extremos estão as enunciações comunicacionais e no centro as enunciações informacionais.

Tabela 5. Critérios classificatórios para os sete casos selecionados no estudo.

Objeto	Tipo de sentença	Legenda Gráfica*	Instância
Pessoal	Exclamações	+4	Comunicacional
	Perguntas pessoais	+3	Comunicacional
	Raciocínio lógico pessoal	+2	Informacional
	Descrição pessoal	+1	Informacional
Problema	Descrição do teste	-1	Informacional
	Raciocínio lógico do teste	-2	Informacional
	Perguntas da tarefa	-3	Comunicacional
	Imperativos	-4	Comunicacional

*A legenda gráfica indica apenas a convenção utilizada para os tipos de dialogicidade.

Com base nos critérios classificatórios, obteve-se uma série de gráficos comparativos (Figuras 14 a 20) entre número de acertos no TMPR (indicador de desempenho) e número de palavras (indicador de verbalizações pessoais). No intervalo de 10 minutos, os participantes resolveram em média 12 exercícios do TMPR. O participante que completou o menor número de itens foi o que mais pontuou em ruminação (participante 13, que resolveu 8 itens do TMPR). O participante com maior número de itens resolvidos foi quem concluiu a tarefa no menor tempo na amostra geral (participante 02, que resolveu 19 tarefas do TMPR). A tendência predominante do objeto da conversação interna foi a tarefa (média de 73% das verbalizações), tendo, em contraste, o caso 13, que produziu 64% de enunciações pessoais e apenas 36% foram enunciações à tarefa. Observou-se também que participantes com maior número de acertos (rendimento acima de 70%) estavam mais concentrados na tarefa, tendo como contrastante o caso 14, que apresentou um número de palavras muito baixo, verbalizando muito pouco durante a execução da tarefa e não apresentando nenhuma enunciação “pessoal” no intervalo de tempo observado, com rendimento de 50%.

Os dados sugerem que a quantidade de enunciações pessoais não influencia no desempenho do teste. Contudo, deve-se considerar a proporção das

enunciações pessoais e das enunciações voltadas para a tarefa. Nos casos de maior desempenho (participantes 02, 11, 12 e 15), houve predomínio de enunciados voltados para a tarefa e informacionais (descrições verbais e raciocínios lógicos relacionados ao teste). Entretanto, contrariando achados de Bertau (2004) e Bartl e Dörner (1998), não necessariamente quem fez mais perguntas obteve um melhor desempenho.

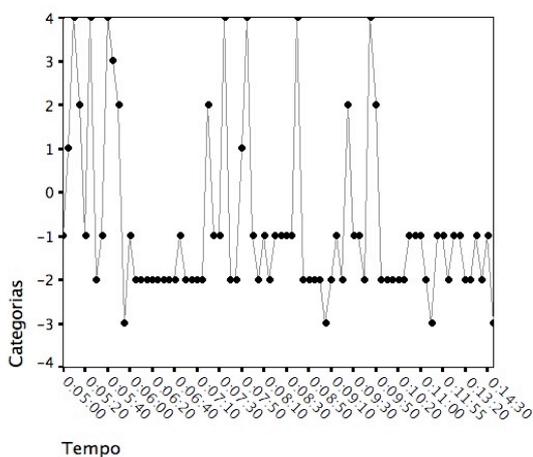


Figura 14. Verbalizações do participante 02

Desempenho no TMPR: 80%

Verbalizações pessoais: 19 %

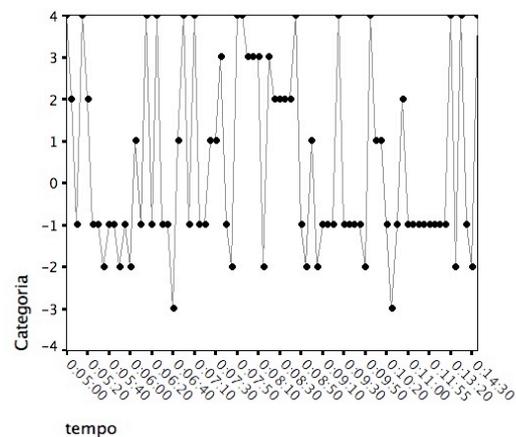


Figura 15. Verbalizações do participante 10

Desempenho no TMPR: 22%

Verbalizações pessoais: 41%

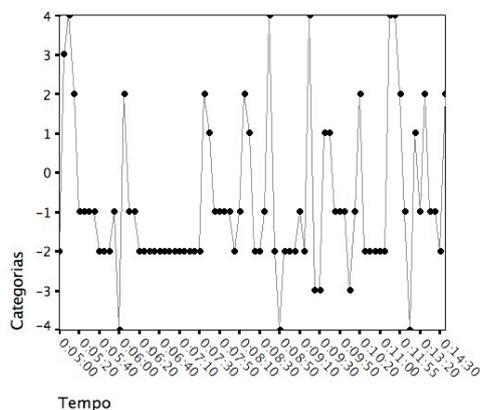


Figura 16. Verbalizações do participante 11

Desempenho no TMPR: 97%

Verbalizações pessoais: 25%

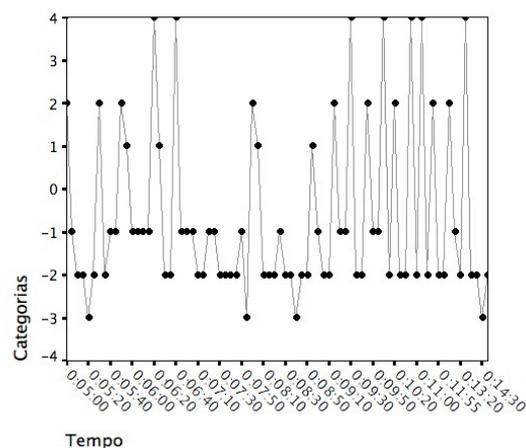


Figura 17. Verbalizações do participante 12

Desempenho no TMPR: 89%

Verbalizações pessoais: 25%

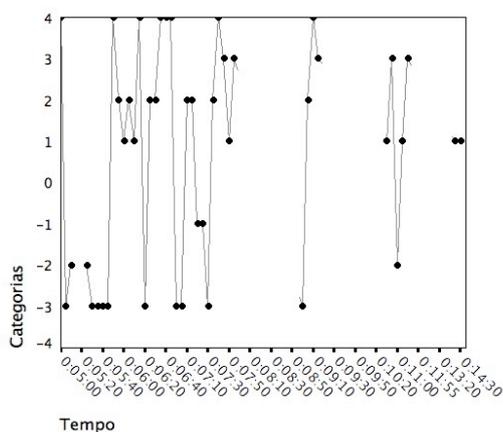


Figura 18. Verbalizações do participante 13
Desempenho no TMPR: 64%
Verbalizações pessoais: 64%

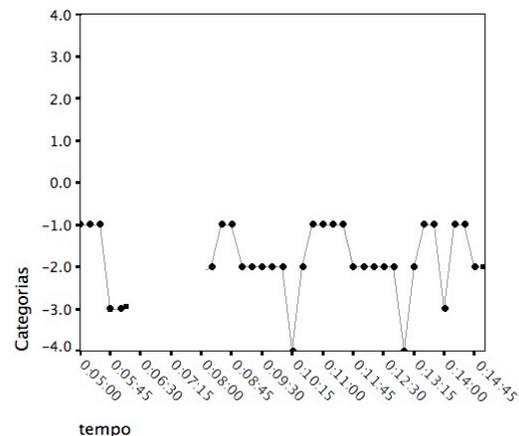


Figura 19. Verbalizações do participante 14
Desempenho no TMPR: 50%
Verbalizações pessoais: 0

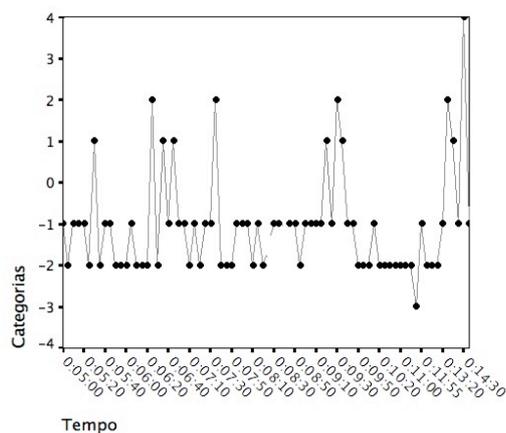


Figura 20. Verbalizações do participante 15
Desempenho no TMPR : 89%
Verbalizações pessoais: 15%

3.6. A experiência de conversar internamente

Após a resolução em voz alta do TMPR, os participantes foram encorajados a participarem de uma entrevista semi-estruturada a respeito da conversa interna. O objetivo da entrevista foi investigar como os universitários percebiam sua própria conversa interna, após a experiência de se submeter aos instrumentos de avaliação dos modos comunicacionais (forma e conteúdo) que a consciência utiliza ao expressar-se para si mesma. Com essa entrevista e análise se traz para pesquisa a perspectiva da primeira pessoa, desde que até então se trabalhou com a perspectiva de terceira pessoa, que é o olhar objetivo do pesquisador, por meio

dos instrumentos utilizados. Por perspectiva de primeira pessoa entende-se a descrição que o participante oferece do modo como lida com a conversação interna em seu cotidiano. A entrevista foi propositalmente realizada ao final do segundo encontro com o participante, quando todos os instrumentos (Questionário de Ruminação e Reflexão, Escala Fatorial de Ajustamento Emocional - Neuroticismo e Teste Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada) já haviam sido aplicados. Assim, o participante recentemente experienciara de forma direta a situação de verbalizar pensamentos durante a resolução do TMPR. A entrevista durou em torno de 10 minutos, e foi respondida por todos os 23 participantes que resolveram ao TMPR.

Os dados obtidos foram submetidos a uma microanálise qualitativa. A análise sustenta-se na tradição fenomenológica de pesquisa (DeSouza, 2005; Giorgi, 1978, 2004; Gomes, 1998; Lanigan, 1988; Patton, 1980), restringindo-se, contudo, ao exame intuitivo da relação sinérgica entre a descrição fenomenológica (a síntese do que foi dito pelos entrevistados) e a análise indutiva (a definição propositiva do que foi percebido como conversação interna).

Para ilustrar os procedimentos de análise, observa-se, a seguir, um excerto de entrevista realizada. As unidades temáticas sugeridas pelo estudo encontram-se entre colchetes ao final dos fragmentos:

Fragmento da entrevista com o participante 20, sexo feminino:

Entrevistador – E tem algum momento em que tu usa conversar em voz alta?

Participante 20 – *Assim, sei lá. Eu vou te dar um exemplo, tá? Digamos que eu vou conversar com aquela pessoa especial no outro dia, tá? Ou, sei lá, com o namorado, né? Que eu tive uma briga feia com ele, que eu vou ter uma conversa séria com ele, então eu penso bem assim, tá “se ele me disser isso, eu vou dizer isso”, sabe? E a gente, aquela coisa assim, se prepara automaticamente. A gente se olha, assim, no espelho e fala assim com firmeza. Claro que na hora muitas vezes a gente derrete, deixa se levar pela emoção, mas eu, normalmente, eu preparo o que eu vou falar. [unidade temática 5 – uso da conversa interna como ensaio para evento no futuro]*

Entrevistador – Como se fosse um treino?

Participante 20 – *Exatamente, como se fosse um treino. Como se fosse um treino, exatamente como tu falaste.*

Entrevistador – E é freqüente isso?

Participante 20 – *Eu às vezes até me cuido, né? Gosto de fazer isso principalmente, olha, vem muito natural quando eu to sozinha em casa. Agora, se tem alguém por perto, ou até mesmo assim... que não esteja totalmente comigo aqui, como nós estamos. Por exemplo eu to aqui e essa pessoa tá na. Na minha casa o meu quarto é próximo da cozinha, tá? Então eu to aqui e tem gente na cozinha eu não faço isso. Parece que bloqueia. Não vem tão natural. Mas quando eu to sozinha em casa assim, algumas coisas assim que, que já aconteceram comigo assim, eu fico pensando “tá, e se isso acontecesse de novo, como eu agiria frente a isso?”*

[unidade temática 3 – Conversa interna como ferramenta para refletir sobre experiências passadas]

Entrevistador – Sim. Tu chega a falar?

Participante 20 – *Chego a falar, penso nisso e me preparo, inclusive pra, pra enfrentar essa situação se ela vier a ocorrer ou não. Às vezes eu me acho até louca. Fico pensando “Meu Deus do céu, se alguém tiver aqui escondido, me observando, vai dizer ‘nossa, ela tá louca. Tá falando sozinha’”. [unidade temática 7 – Conversa interna verbalizada entendida como algo fora dos padrões de normalidade]*

3.6.1. Descrição Fenomenológica

A descrição está organizada em nove asserções qualitativas, conforme levantamento no conjunto das entrevistas. Cada asserção se faz acompanhar um exemplo, definido como frase elucidativa.

1) Os participantes descreveram a conversação interna como um fenômeno que os permite organizar o pensamento lógico em resolução de tarefas específicas. Exemplo:

- *É que sempre que eu resolvo matemática, exercícios, eu falo comigo, senão eu não consigo fazer.* (Participante 10)

2) A conversa interna também parece exercer a função de nomear sentimentos e aspectos emocionais para si mesmo, conforme ilustra o comentário

a seguir:

- *Às vezes algum problema, tipo, sei lá. Digamos que eu tenha discutido com alguém, assim, e isso me deixa preocupada, né? Aí eu acabo pensando (...) E às vezes eu acabo falando, acabo exteriorizando, assim.*

(Participante 11)

3) A conversa interna também aparece para os entrevistados enquanto uma ferramenta para reavaliar o dia-a-dia, um instrumento de reflexão de ações do passado:

- *Eu digo assim, ai, 'por que que eu fiz isso? Por que que eu não fiz diferente?' e aí 'eu devia ter ficado quieta', sabe? Aquelas assim, 'não devia ter gaguejado tanto', sabe?* (Participante 20)

4) Ou, ainda, a conversa interna parece auxiliar na organização do pensamento para resolver problemas, ou seja, um artifício usado também em reflexões no presente:

- *É mais fácil. Se eu conseguir externar o que tem dentro pra organizar. Porque às vezes fica uma bagunça, aí eu não consigo me organizar.*

(Participante 10)

5) A conversa interna pode se fazer presente em situações onde há uma espécie de ensaio para situações em que ocorrerá um diálogo externo no futuro (uma reflexão sobre algum acontecimento que se passará no futuro):

- *Quando eu tenho alguma coisa pra fazer, tipo algum trabalho pra apresentar, eu repasso todo ele em voz alta (...). Eu uso a voz interna pra me sentir mais segura.* (Participante 07)

6) Por outro lado, a conversa interna pode constituir-se na forma de um pensamento indesejado que os participantes procuram evitar, por aparecer como obstáculo na resolução de problemas:

- *Sabe que esses dias eu não consegui dormir de tanto pensar? Às vezes eu me sinto rápida, assim, sabe?* (Participante 08)

7) Prefere-se externar a conversa interna em contextos privados e evitá-la em público. Isto é, a experiência de falar em voz alta é observada como algo que os participantes preferem fazer quando estão sozinhos, pois, na presença de outras pessoas, falar sozinho tem a conotação de “ser louco”, de algo “ridículo/engraçado”.

- *Daí eu, nossa, na hora que eu acabei de falar, que eu ouvi, sabe? Eu acho que foi quase tudo ao mesmo tempo: eu percebi que eu falei alto e ela me*

perguntou. E aquilo me causou uma vergonha, sabe 'Nossa, meu Deus do céu, se ela soubesse, assim, ela ia me achar louca, falar comigo mesma, assim. (Participante 23)

8) A conversa interna é percebida como diferente da conversa pensada e não verbalizada.

- Ah não, mas aí se a pessoa falar sobre o que ela acha, não é bem o que ela pensa. (Participante 08)

9) A conversa interna verbalizada passa por uma espécie de “filtro”: nem sempre se fala o que se pensou.

- Tipo naquelas folhinhas que tu entregou, aí às vezes tem várias coisas que tu fica tipo 'não vou responder isso, porque vão achar ah, não, sabe, que eu faço errado', tipo. Mas aí tu acaba pensando 'não, vamos ser sinceras', né? (...) Acaba pensando um pouco sobre as coisas de como é que tu age em determinadas situações, assim, é legal. (Participante 23)

3.6.2. Análise indutiva

Das asserções listadas, induz-se que:

1) A conversa interna é vivenciada enquanto artifício para organizar o pensamento, tanto em questões mais relativas ao mundo externo (resolver problemas lógico-matemáticos, por exemplo) quanto ao mundo interno (nomear sentimentos);

2) A conversação interna para os participantes é ainda diferenciada quanto ao *contexto* em que ela ocorre, podendo ser uma ferramenta que tanto auxilia em questões do passado, presente ou futuro do dia-a-dia individual, quanto prejudica, enquanto um pensamento indesejado que aparece para o sujeito;

3) A verbalização ou não da conversa interna foi também um tema considerado importante para os participantes, apresentando, nesse momento, a perspectiva experiencial que os participantes inferem que as demais pessoas têm a respeito da conversa interna;

4) A conversa interna é caracterizada de diferentes modos e interpretada por crenças e teorias do próprio agente (no caso, o participante).

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÃO FINAIS

A teoria do *self* semiótico, que tem como cerne a explicação da reflexividade, foi desenvolvida no contexto da sociologia e é uma derivação renovada do pragmatismo americano. No campo geral da psicologia, a teoria de Norbert Wiley ganhou atenção nos estudos das ciências dialógicas que tem como principal representante o psicólogo holandês Hubert Hermans, fortemente influenciada pelo construcionismo. Um dos pontos de atrito entre Wiley e Hermans é se o *self* se constitui de uma natureza centralizada ou descentralizada. A posição alternativa para ambos os autores é como resolver o problema de uma central de geração de sentido e das muitas e diferentes perspectivas que um sentido pode assumir do seu ponto de gestação. O debate dominou o primeiro número do *International Journal for Dialogical Science* (IJDS), cujo principal editor é Hermans.

No primeiro artigo da IJDS, Wiley (2006) reafirmou sua posição de que o *self* é um processo de geração de sentido. Em contraposição, na mesma revista e repercutindo a teoria de Wiley estão o sociólogo Vincent Colapietro, um dos autores centrais da teoria do *self* semiótico e largamente citado na tese de doutorado de Mariela Michel, e o filósofo construcionista John Lysaker. Tanto Colapietro (2006) quanto Lysaker (2006) reconhecem a bem articulada construção teórica de Wiley, mas fazem algumas restrições. Colapietro mostrou-se preocupado com o risco de retorno ao dualismo que a teoria de Wiley sugere ao contrapor, segundo ele, intersubjetividade (a objetividade comum entre falantes) e sentidos privativos (o problema da incomunicabilidade). Lysaker, por sua vez, critica o excessivo cognitivismo do *self* semiótico, não deixando lugar para a espontaneidade e para os sentimentos. Os pontos tratados por Colapietro e Lysaker são respondidos em trabalhos oriundos do grupo de pesquisa em que esse estudo foi desenvolvido (Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição), todos eles sustentados por dados empíricos, tendo como base a conversação interna (DeSouza, 2005; DeSouza, DaSilveira & Gomes, 2007; DeSouza & Gomes, 2005; Michel, Andacht & Gomes, 2007).

O exame das implicações teóricas da proposição de Wiley (1994) excede o escopo e propósito da presente pesquisa. Contudo, os dados por ela levantados

podem ser esclarecedores para a confirmação da teoria do *self* semiótico, tendo como empiria a conversação interna manifesta. Um esforço considerável neste sentido foi empreendido pela socióloga Margaret Archer. No entanto, ela se limitou a fazer entrevistas sobre a experiência da conversação interna. Para Archer (2003), a reflexividade é a principal capacitação cognitiva e mesmo assim a mais negligenciada, não havendo em livros introdutórios de psicologia ou de sociologia um capítulo dedicado ao tema.

A presente pesquisa foi um estudo da reflexividade na resolução de uma tarefa em voz alta, tendo como foco a conversação interna decorrente. A reflexividade foi estudada por meio de contrastes com uma de suas facetas: a ruminação. Na verdade, ruminação é uma modalidade de reflexão. A discussão que segue se centraliza em quatro achados esclarecedores: a distinção entre ruminação e reflexão, a surpreendente descoberta dos diálogos pessoais que se interpõem aos diálogos centrados na resolução da tarefa; as convergências e divergências entre a fala interna e a fala pública, e por fim, a apreensão processual do *self* sobre si mesmo.

4.1.1. Ruminação *versus* Reflexão

A caracterização quantitativa da conversação interna descrita na primeira sessão dos resultados permitiu o diálogo com estudos relativos à resolução de problemas (Bertau, 1999). As correlações investigadas entre os perfis de ruminação, reflexão e neuroticismo, assim como as correlações dessas medidas com as medidas observadas na conversação interna verbalizada no TMPR, sugeriram um possível caminho de análise do que caracterizaria uma conversação interna ruminativa ou reflexiva. Contudo, a ausência de correlações sugere, ainda, a necessidade de uma especificação maior do termo ruminação. Na literatura de língua inglesa, é comum se encontrarem estudos utilizando o termo *ruminaton* (Joormann, Dkane & Gotlib, 2006; Silvia, Eichstaedt & Phillips, 2005), bem como *self-rumination* (Morin, 2006; Joireman, Parrott & Hammersla, 2002; Mor & Winquist, 2002). Alguns autores utilizaram ambos os termos (*ruminaton* e *self-rumination*) sem distinção no mesmo texto (Fleckhammer, 2004; Trapnell & Campbell, 1999) e outros mencionaram *self-focused ruminaton* (Lyubomirsky & Nolen-Hoeksema, 1995; Williams, Barnhofer, Crane & Beck, 2005).

Diversos estudos discutem as relações entre ruminação e resolução de problemas (Carver, Scheier & Weintraub, 1989; Lyubomirsky & Nolen-

Hoeksema, 1995; McCullough & cols., 1998). Evidências que associaram ruminação e fracasso na resolução de problemas ocorreram em experimentos que envolveram a vida pessoal dos participantes de forma direta. Por exemplo, no estudo de Lyubomirsky e Nolen-Hoeksema (1995), solicitou-se que participantes se imaginassem vivenciando problemas de ordem interpessoal, como a situação de “um amigo parece estar lhe evitando”, e depois pediu que se descrevessem detalhadamente os passos que seguiriam para resolver o problema. Nesse caso, parece estar se discutindo ruminações sobre o *self* (*self-rumination*). Entretanto, quando se solicita que um participante resolva uma tarefa do TMPR e se observa que o participante se prende em um tipo de raciocínio e não consegue sair daquele impasse, também se pode considerar isso um tipo de ruminação, pois o foco era na resolução do problema e não nas questões pessoais do indivíduo. A distinção entre ruminação e ruminação sobre o *self* fica mais evidente quando se comparam aos seus termos opostos, reflexão (*reflection*) e reflexão sobre o *self* (*self-reflection*): um sujeito pode refletir sobre um determinado assunto sem envolver na discussão questões particulares (reflexão) ou pode refletir sobre si mesmo (reflexão sobre o *self*). Essa diferenciação está, ainda, de acordo com os achados de Kjaer, Nowak e Lou (2002), que indicaram a ativação de áreas distintas do cérebro durante a execução de tarefas em que os participantes ora produziam reflexões sobre si, ora sobre uma terceira pessoa.

O Questionário de Ruminação e Reflexão (Trapnell & Campbell, 1999) parece estar mais voltado à análise das ruminações sobre o *self*. Os resultados do presente estudo indicaram a ocorrência tanto das ruminações sobre o problema quanto das ruminações sobre o *self*. As últimas comporiam um qualificativo dentro dos enunciados aqui designados “pessoais”. Contudo, a classificação pontual e precisa de tais enunciados exigiria maiores cuidados, incluindo técnicas de triangulação (Patton, 1980). Por exemplo, no enunciado “Pra quem fez sete em matemática no vestibular eu até que to indo bem nisso aqui” não se pode interpretar que ajude ou atrapalhe o participante na realização de sua tarefa, pois não se sabe se o enunciado estaria mais relacionado a pensamentos do tipo “você sempre vai mal em matemática, nesse teste não será diferente” ou “veja só, você está indo bem, até que o resultado daquele vestibular de matemática não queria dizer nada sobre o que você sabe”.

Em suma, a análise quantitativa e formal da conversação interna foi importante para comparações com os estudos de resolução de problemas como o

de Bertau (1999). Por exemplo, a quantidade de conversa interna de fato é diretamente proporcional à dificuldade da tarefa. Contudo, os resultados do presente estudo mostraram que a quantidade de conversação interna não esteve associada ao maior ou menor sucesso na resolução de problemas. Interpreta-se, então, que ruminação e reflexão são construtos cuja evidência não reside na forma e, sim, nos conteúdos veiculados pela conversação.

Ruminação é a tendência em se focar repetidamente em pensamentos e problemas exteriores. Em contraste, ruminação sobre o *self* é a tendência em se focar repetidamente em pensamentos, sentimentos e/ou problemas sobre si mesmo. A distinção auxiliaria os estudos sobre resolução de problemas cotidianos não relacionados ao *self*, por exemplo. Tal distinção está em concordância com a descrição do processo de autoconsciência descrito por Morin (2004). O autor fez a seguinte analogia com a situação de resolução de problemas: “o *self* representaria o problema e a informação sobre o *self* a solução, uma vez que pode nomear aspectos da vida interna individual que seria, de outra forma, difícil de objetivamente perceber” (Morin, 2004, p.125).

4.1.2. Diálogos centrado no problema *versus* diálogos centrado no *self*

A diferenciação entre o diálogo centrado em questões pessoais ou em questões relativas à tarefa se mostrou importante na classificação da conversa interna em ruminativa ou reflexiva e auto-reflexiva ou auto-ruminativa. A distinção entre enunciados de informação e de comunicação sugerida em DeSouza (2005) levou em conta o endereçamento da conversa (o *eu* que fala para o *você* no futuro), mas parece não ter considerado a classificação da conversa com relação ao seu objeto (*mim*). Contudo, é importante considerar também o movimento entre o enunciado relacionado ao contexto da resolução de problemas e o instante em que o participante desloca o foco da conversa para questões relativas à sua pessoa ou fatores ambientais que o envolve, mas são alheios ao TMAPR. Desta forma, as verbalizações que têm como objeto o *self* não devem ser desconsideradas mesmo quando o objetivo for a avaliação do contexto de resolução de problemas. As frases cujo foco está no *self* podem influenciar o comportamento adaptativo e, conseqüentemente, o melhor desempenho dos participantes na tarefa proposta (Rohrkemper, 1986).

O modelo de Wiley (1994) ficou evidente nas perguntas que os participantes dirigiam a si mesmos. Os achados de Bertau (2004) mostraram que

adultos analfabetos não sabiam formular perguntas, isto é, não tinham acesso às ferramentas do mundo textual e isso lhes acarretava uma privação de acesso ao mundo político e sócio-econômico. A autora disse tratar-se de uma “mente distribuída” (Bertau, 2004, p. 59). Bartl e Dörer (1998) indicaram a importância da formulação de perguntas relevantes no contexto de resolução de problemas. Para os autores, participantes bem sucedidos se questionam mais do que os mal sucedidos. Na formulação de pergunta para si mesmo o participante coloca para o futuro o desafio de achar a resposta. Mais que isso, faz a pergunta para se situar em determinada dúvida. O movimento entre perguntas e respostas é o cerne de uma conversação, sendo também, a seu modo, a estrutura básica da fala interna.

4.1.3. Fala interna *versus* fala pública

Os resultados da presente pesquisa evidenciaram que a conversa interna verbalizada adquiriu, de modo geral, as características já consagradas de um texto falado. A discussão sobre as relações entre fala interna e fala pública está baseada no livro “O Texto e a Construção do Sentido” de Irgendore Koch (1997).

Para Koch (1997) fala e escrita constituem duas modalidades de uso de uma língua que, embora se utilizem do mesmo sistema lingüístico, possuem características próprias. Em geral, textos escritos possuem maior densidade lexical e textos falados, maior complexidade sintática. Contudo, a distinção não pode ser considerada estanque pois as diferenças entre fala e escrita ocorrem em um “*continuum* tipológico das práticas sociais” (p. 61). A autora caracterizou a escrita como descontextualizada, explícita, condensada, planejada, não-fragmentada, completa, elaborada, densa informacionalmente, com predominância de frases complexas e subordinações abundantes, de emprego freqüente de passivas, abundância de nominalizações e de maior densidade lexical. Em contraste, prossegue Koch a fala é contextualizada, implícita, redundante, não-planejada, fragmentada, incompleta, pouco elaborada, de pouca densidade informacional, de pequena freqüência de passivas, de poucas nominalizações e de menor densidade lexical. A conversação interna manifesta registrada nesta pesquisa é consistente com a caracterização de fala apresentada por Koch.

A conversa interna manifesta, com todas as suas limitações, mas com a ausência parcial de censura do falante, mostra a sua gestação no movimento comunicacional de planejamento e replanejamento, em cada lance do jogo da

linguagem. Do mesmo modo que as verbalizações públicas, a conversa interna manifesta também apresenta descontinuidades freqüentes, determinadas por fatores cognitivo-interacionais que devolvem ao fluxo de pensamento as justificativas pragmáticas relevantes. Ou seja, em um discurso público, o falante molda sua fala também considerando a ação dos seus ouvintes. Na conversa interna, a constatação de diferentes tipos de descontinuidades de uma linha de pensamento e interrupções de uma voz indicam que a mesma dinâmica relacional existente no discurso público se faz presente internamente, apontando a interatividade de diferentes “vozes internas”. Por exemplo, uma voz pode ser atravessada por uma nova voz sintaticamente detentora de um sujeito diferente: a frase “agora eu vou colocar esse retângulo ali” (sujeito “eu”) é seguido pela frase “Espera aí!”; ou seja, o fluxo de pensamento do sujeito “eu” da frase anterior é interrompido e tratado como “tu” na frase subsequente.

Na fala externa (pública), costuma-se dizer que o locutor não é o único responsável pela produção de seu discurso, sendo este uma “co-produção discursiva” (Koch, 1997, p. 63). Há a participação de muitos interlocutores cada qual com seus argumentos e negociações. A influência dos interlocutores é tão grande que não faria sentido analisar cada intervenção separadamente. O mesmo raciocínio lógico da fala está parece estar presente na fala interna. A situação estudada, cada resolução poderia envolver a interação de muitas vozes. O *eu* do modelo de Wiley (1994) que fala em um dado momento presente não poderia produzir fala alguma se não existisse a força que o impele a dialogar (*você*, no futuro) e um objeto ao qual se referir (*mim*, no passado).

A conversação interna observada, assim como a fala externa e pública, também apresentou uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua portuguesa. Esse fato permite que os registros da conversa interna manifesta sejam analisados por outras pessoas, como um pesquisador, por exemplo. Contudo, diferentemente da fala pública, a conversa interna apresenta características cujos significados não são de acesso do observador e, portanto, soa-lhes incompreensível. Isso ficou evidenciado em inúmeras vocalizações, entonações e murmúrios indicados nos protocolos enquanto lacunas em que não se foi possível a transcrição.

De todas as características de um texto falado, com seus falsos começos, truncamentos, correções, hesitações, inserções, repetições e paráfrases, é importante atentar aqui para as repetições. Presente em todos os protocolos de

conversação interna durante a resolução do TMR, as repetições são caracterizadas no discurso falado enquanto estratégia básica de estruturação do discurso (Koch, 1997). Tradicionalmente, avaliam-se as repetições de forma negativa, pois, quando aparecem em textos, elas são tomadas como indicadoras de “textos redundantes, circulares e mal-estruturados” (p. 93). Desse modo, a repetição poderia ser considerada como algum indício ou fragmento relacionado a características ruminativas do sujeito. Entretanto, Koch salientou que as repetições constituiriam uma forma de aprendizagem e um meio de se criar categorias: “itens novos, desconhecidos, podem ser agrupados em categorias linguísticas e culturais subjacentes, ao lado de itens conhecidos, familiares, quando aparecem em *frames* repetidos no discurso” (p. 94). Ou seja, a repetição seria uma técnica cognitiva que permite assimilar o que é novo ao que é conhecido. As repetições aumentaram consideravelmente o volume de palavras verbalizadas nos protocolos transcritos do TMR. A partir dessa interpretação da função das repetições, tem-se uma das hipóteses explicativas do porquê de o número de verbalizações contabilizadas não ter correlacionado com os perfis ruminativos. As repetições na conversação interna possivelmente estão demarcando o papel de motivações cognitivas e interacionais e não de pensamentos circulares repetitivos e prejudiciais ao desempenho da tarefa.

A conversação interna apresenta o mesmo movimento de priorização das necessidades de interação em detrimento das exigências sintáticas da língua que a fala pública apresenta: a presença de falsos começos, truncamentos, correções, hesitações, inserções, repetições e paráfrases. Para Koch (1997), essas características têm funções cognitivo-interacionais na fala, e derivam de estratégias cognitivo-conversacionais. Essas estratégias parecem explicar também diversos fenômenos observados nos protocolos de conversação interna manifesta. A Tabela 6 compara as estratégias da fala citados por Koch e excertos da conversação interna recolhida para o presente estudo.

A conversação interna ficou, portanto, evidenciada enquanto uma produção muito semelhante à fala pública, seguindo na maior parte do tempo as regras sintáticas da língua, e ficando ininteligível em escassos momentos na maioria dos protocolos analisados. Essa afirmação, que em um primeiro momento pode parecer óbvia, face a se ter captado conversas internas manifestas, é importante para o debate teórico sobre os modos expressivos da consciência. Koch (1997), na primeira parte de seu estudo, ao caracterizar um texto escrito,

cita, entre outras características, a polifonia, conceito introduzido nas ciências da linguagem por Mikail Bakhtin. O conceito de polifonia está atrelado ao texto escrito porque nele veiculam-se idéias já condensadas e elaboradas, produzindo-se discursos mais enxutos e menos “caóticos” do que as idéias veiculadas nas conversas internas aqui observadas. E essa distinção entre texto escrito e falado, justifica, de alguma forma, porque a produção do *Personal Position Repertoire* (instrumento que se propõe a mapear as diferentes posições do *self*) indicou apenas um retrato estático de um momento específico, não mostrando esse movimento do *self*, conforme concluiu DeSouza (2005).

Tabela 6. Estratégias cognitivo-conversacionais do discurso falado (Koch, 1997) e exemplo de conversação interna manifesta.

Estratégia cognitivo-conversacional (Koch, 1997)	Exemplo na conversação interna
1. “Sempre que o locutor perceber que o seu interlocutor já entendeu o que se queria comunicar, a continuação da fala se tornará desnecessária.”	<i>Ficou um troço branco... hmm... tá, esse aqui... ah, tá, entendi! Tá, tá! Surge uma faixa branca e a faixa branca fica maior.</i> (participante 03)
2. “Logo que perceber que seu interlocutor não o está entendendo devidamente, suspenda o fluxo da informação e repita, parafraseie, mude o planejamento ou insira explicações e/ou exemplos.”	<i>A concentração é um negócio muito importante, tipo é foda o cara tem que se acostumar muito...</i> (Participante 22)
3. “Ao perceber que formulou algo de maneira inadequada, interrompa-se imediatamente e proceda a uma correção”	<i>A figura do meio se sobrepõe, não, desculpa, a figura do meio entra, se sobrepõe ao fundo, mas fica embaixo da da frente.</i> (Participante 04)
4. “Ao se dar conta de que disse algo que é ou poderia ser ofensivo à face do seu interlocutor ou que foi excessivamente categórico naquilo que disse, proceda imediatamente a um reparo, acrescentando ou inserindo expressões atenuadoras ou	<i>Ah, esse aqui é outra barbada! Parecem que vão ficando mais fáceis os exercícios... embora sei que não é verdade...</i> (Participante 34)

modalizadoras.”

O lingüista inglês Halliday (1987) utilizou a comparação metafórica entre o quadro e o filme para ilustrar as diferenças entre texto e fala, respectivamente. O texto escrito se apresentaria a um leitor na forma sinóptica e estanque de um quadro, ao passo que a fala se apresenta ao ouvinte em uma forma dinâmica, “coreográfica”, como em um filme. Assim, transcrever uma conversa interna verbalizada é semelhante à intenção de se transcrever um filme, onde o timbre das vozes dos protagonistas foi unificado e, ainda, para agravar a situação, o transcritor não tem acesso à tela em que o filme é projetado, não sabendo, portanto, quem são os protagonistas que falam naquele momento. Fato é que, no decorrer da conversa interna, o *self* adquire a posição do eu falante, sendo impossível também para ele, enquanto eu que fala, ter consciência de que personagem ele está interpretando naquele momento. Desse modo, a observação da conversação interna verbalizada, por mais diversificada e de difícil interpretação que seja, apresenta-se como uma alternativa viável e verossímil para aqueles que desejam discutir os movimentos do *self*. Michel (2006), estudando a expressão do *self* semiótico em um contexto de psicodrama, mostrou como os papéis das diferentes vozes do *self* adquirem um caráter de identidade. No presente estudo, constata-se em tempo real o movimento do *self* na composição de rascunhos das diferentes vozes da conversação que certamente viriam a se caracterizar em identidades, conforme critério usado por Michel.

Também recentes são as análises de conversação interna em contraste com a fala externa realizadas em Wiley (2006). O autor analisou a conversa interna a partir da abordagem da lingüística de Ferdinand de Saussure (1857 - 1913). Quatro grandes distinções binárias criadas por Saussure (eixos sintagmático e paradigmático; história da linguagem e sistemática da linguagem; teorias diferencial e referencial do significado, *parole* e *langue*) foram utilizadas como guia de análise para Wiley verificar em que medida a conversação interna poderia ser tratada como uma linguagem. Wiley afirmou que, de modo geral, o modelo lingüístico de Saussure é válido, dado que a conversação interna constitui uma espécie de dialeto da fala externa. Contudo, há peculiaridades na conversação interna que não se adequam ao modelo sugerido por Saussure. Por exemplo, citam-se os elementos extralingüísticos que se incorporam à conversação interna, como imaginações visuais, emoções, sensações táteis, cheiros, etc.. Nesse sentido,

Wiley concluiu que a conversação interna não pode ser qualificada apenas com os preceitos de linguagem estudados na lingüística de Saussure, por incluir uma série de elementos e circunstâncias usuais e não-ideais.

Apesar de Wiley (2006) ressaltar que a fala interna constitui, de fato, uma linguagem, mas possui propriedades lingüísticas que não são compartilhadas na fala exterior, suas afirmações estão de acordo com as deste estudo. Segundo Wiley, as distinções binárias propostas por Saussure foram criadas para simplificar o estudo da linguagem, eliminando variações e improvisos da fala cotidiana. Assim, Wiley parece ressaltar o caráter analógico da conversação interna, em contraste à lógica exclusiva digital que seguiria a teoria da linguagem de Saussure. No presente estudo, a conceituação de fala pública orientou-se pelas caracterizações sugeridas por Koch (1997). Para a lingüista brasileira, as regras rígidas da linguagem de Saussure estão presentes na escrita, em oposição à fala pública, que, por sua vez, aparece como uma forma de comunicação mais aberta e flexível. Ressalte-se que Wiley embasou as conclusões de seu estudo em auto-observações, ao passo que os achados dessa pesquisa mostraram que a conversação interna se apresentou estruturada como uma linguagem mais acessível à análise na perspectiva de terceira pessoa do que fora sugerido em Wiley. E, de todo modo, tanto esse estudo quanto as afirmações de Wiley ressaltaram o caráter aberto, imprevisível e flexível da conversação interna.

4.1.4. Atenção do *self* sobre si mesmo

A entrevista final mostrou que a conversa consigo mesmo é tema de grande interesse pessoal. A proposição da tarefa, isto é, "falando em voz alta tudo o que lhes vinha à mente" durante a resolução do TMPR causou estranheza. Os participantes se sentiram como em uma filmagem, sem prévio ensaio e onde o que estava sendo encenado eram suas vivências interiores. O fenômeno da conversação interna é uma realidade reconhecida, mas nem sempre objeto de atenção ou interesse. Foi percebida no planejamento de ações futuras, na solução de tarefas do presente e na reconsideração de ações ocorridas no passado. Isto é, confirma-se a presença da temporalidade como dinâmica marcante do *self* semiótico ou processual (DeSouza, 2005). O pensar consigo mesmo faz parte do dia-a-dia dos participantes, ora apresentando-se como positivo, ora como negativo. Não estaria nessa distinção o contraste entre as vivências ruminativas e reflexivas? Ao menos, é a conceituação de Trapnell e Campbell (1999) para a

conversa interna ruminativa e reflexiva.

4.2. Considerações Finais

Quatro perguntas orientam a presente investigação. A primeira pergunta estava interessada em saber se a externalização da conversa interna na resolução de problemas corresponderia ao modelo semiótico proposto por Wiley (1994). A pergunta já havia sido respondida no trabalho predecessor de DeSouza (2005). Contudo, a replicação sistemática de estudos com pequena população é de extrema importância para a construção gradativa e crítica do conhecimento psicológico (Stanovich, 2004). Com efeito, o modelo semiótico proposto por Wiley (1994) novamente se mostrou válido para o entendimento da conversação interna enquanto um veículo de interlocução entre a tríade semiótica dos interlocutores constituintes do *self*. Os achados desta pesquisa mostraram que a conversação interna reproduz e também estende internamente as fontes exteriores (sociais e físicas) de autoconsciência; auxilia no processamento cognitivo de informações mais precisas sobre o próprio *self*; e cria uma distância entre o *self* e os eventos mentais que são experienciados (*mim* e *você*), facilitando a auto-observação. A conversa interna manifestou-se inicialmente nomeando aspectos da vida exterior e interior (pois ora voltava-se a conteúdos da tarefa, ora a conteúdos do indivíduo), e facilitando o raciocínio tanto pessoal quanto relativo ao problema. Posteriormente, colocado e compreendido o desafio exterior, o *self* irrompeu em diálogos na busca da solução do problema proposto pela tarefa.

A segunda pergunta queria saber sobre quais as relações existentes entre as características da autoverbalização (tipos de dialogicidade, modos de conversação interna, e contagem de palavras) e o desempenho apresentado na solução de problemas? Os achados indicaram que a quantidade de conversações aumenta proporcionalmente à dificuldade da tarefa, corroborando os achados de Bertau (1999) e DeSouza (2005). Entretanto, não se observaram correlações significativas entre os perfis ruminativos e reflexivos encontrados no QRR e as medidas quantitativas da conversação interna verbalizada de tempo, número de palavras e desempenho. Ressalta-se, contudo, a correlação de -0,24, não significativa, entre desempenho e ruminação. Embora não tenha sido um resultado estatisticamente significativo, apresenta-se como uma evidência, ainda frágil, de que a ruminação interfere no desempenho cognitivo. Tal resultado sugere

replicações do método com amostras maiores para verificar a consistência desse achado.

Demais explicações da relação entre ruminação e reflexão e a resolução de problemas ficaram evidentes apenas no plano qualitativo da pesquisa, indicando que as conversações internas manifestas possuem características muito diversificadas com relação à sua forma, mas apresentam algumas regularidades estruturais quanto ao seu conteúdo. Quanto às estruturas, a conversa interna se apresenta não apenas com tipos de dialogicidades que oscilam entre formas informacionais e comunicacionais, mas também com conteúdos que oscilam entre o objeto do mundo exterior e o próprio *self*. Essa diferenciação foi observada, de forma elucidativa, nas relações entre os estilos de verbalizações durante a resolução do TMPR dentro dos sete casos analisados. Participantes com desempenho abaixo da média amostral apresentaram uma tendência a verbalizar proporcionalmente mais enunciados cujo conteúdo se referia ao *self* do que à tarefa.

A terceira pergunta focalizava o tema principal da pesquisa, querendo saber se era possível diferenciar uma conversa reflexiva de uma conversa ruminativa. A resposta é afirmativa. Essa distinção, contudo, encontrou obstáculos ao se buscar responder a quarta pergunta do estudo que queria saber se havia relação entre conversa ruminativa, neuroticidade e desempenho no TMPR. Encontrou-se correlação positiva entre altos escores na escala de ruminação e neuroticismo, confirmando os achados de Trapnell e Campbell (1999). Contudo, a diferenciação de perfis ruminativos e reflexivos não apresentou correlações com o desempenho no TMPR. Tal achado conduziu os pesquisadores para uma análise que se mostrou profícua: a movimentação do foco ou as mudanças de posição ocorridas na conversação durante a execução da tarefa. A análise qualitativa trouxe a ocorrência de dois focos estruturais distintos: ruminação tendo como foco o objeto (resolução do problema) e ruminação tendo como foco o *self*, o mesmo ocorrendo com a reflexão. Essa distinção se mostra útil no sentido de que contribui para um refinamento do uso dos termos ruminação e ruminação sobre o *self*, assim como reflexão e reflexão sobre o *self*.

Os achados da pesquisa permitiram a realização de análises complementares, entre as quais a comparação entre a fala pública e a fala interna (Koch, 1997). A análise das verbalizações comparada à teoria da lingüista Ingendore Koch produziu a evidência de que as verbalizações encontradas

caracterizam um diálogo tal qual são os diálogos públicos observados no uso corrente da língua portuguesa. A discussão acerca da função das repetições encontradas nos protocolos de verbalização produziu subsídios para se explicar por que o número de verbalizações contabilizadas não correlacionou com os perfis indicados como ruminativos. Além disso, a discussão atentou para o equívoco que se pode fazer ao atrelar repetições de palavras e frases observadas na conversa interna verbalizada com a definição de ruminação, descrita como a ocorrência de pensamentos “circulares e repetitivos”. Aqui também se observa a importância de se distinguir uma idéia veiculada e gerada por um fluxo de pensamento dos elementos constitutivos desse pensamento. Essa distinção segue a mesma linha de raciocínio que levou esse estudo classificar os enunciados de acordo com seu objeto (se sobre o *self* ou sobre o problema): não se olha mais apenas para a estrutura, mas, sim, em um nível adiante, para o conteúdo veiculado pela estrutura.

Morin (2006) mencionou a necessidade da criação de sistemas conceituais que simultaneamente olhassem para os possíveis processos que levam o *self* à autoconsciência e para as suas numerosas e intrincadas interações. O presente estudo buscou, através da avaliação de diferentes perspectivas, explorar a manifestação audível da conversa interna, comparando-a com medidas de verbalização e de reflexividade e propôs inovações na sua forma de análise. Sugere-se, para estudos futuros: 1) a realização de experimentos em que se possa observar a ruminação e a reflexividade diretamente, e avaliá-la a partir da perspectiva de terceira pessoa; 2) a combinação de instrumentos de auto-avaliação de conversa interna (*Self-Observation Auto-verbalizations Inventory* de Morin, Everett, Turcotte e Tardif e o *Scale for Inner Speech (SIS)* de Siegriest), 3) o desenvolvimento de situações experimentais que incluam o uso de espelho e de filmadora (a conversa interna é muito expressiva na comunicação não verbal); e 4) o estudo rigoroso da função dos verbos de ação e de estado em enunciados informacionais e comunicações, desde que parece esta no uso desses verbos a reversibilidade reflexiva entre percepção e expressão.

Referências

- Archer, M. (2003). *Structure, Agency and the Internal Conversation*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press.
- Bartl, C. & Dörner, D. (1998). Sprachlos beim Denken - zum Einfluss von Sprache auf die Problemlöse - und Gedächtnisleistung bei der Bearbeitung eines nicht-sprachlichen Problems. *Sprache & Kognition* 17(4), 224-238.
- Becker, F. (2006, May). *Piaget: Conhecimento e Aprendizagem*. Paper presented at the Seminários Avançados em Estudos Interdisciplinares do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Bertau, M.-C. (1999). Spuren des Gesprächs in innerer Sprache. Versuch einer Analyse der dialogischen Anteile des lautes Denkens. [Marcas da fala em conversação interna. Uma análise da arte dialógica do pensamento em voz alta] *Zeitschrift für Sprache & Kognition*, 18 (1/2), 4-19.
- Bertau, M.-C. (2004). Why questions? The outstanding role of questions in inner speech and problem solving. In Bertau, M.-C. (Ed.), *Aspects of the Dialogical Self*. (pp. 59-71). Berlin, Alemanha: Lehmanns Media.
- Berrios, G.E. & Marková, I.S. (2003). The self and psychiatry: A conceptual history. In Kircher, T. & David, A. (Eds.), *The self in neuroscience and psychiatry*. (pp. 9-32). Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press.
- Bisquerra, R., Sarriera, J. C. & Martínez, F. (2004). *Introdução à estatística*. Enfoque Informático com o Pacote Estatístico SPSS. Porto Alegre: Artmed.
- Carver, D. S., Scheier, M. F., & Weintraub, J. K. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 267-283.
- Colapietro, V. (2006). Practice, agency, and sociability: An orthogonal reading of classical pragmatism. *International Journal for Dialogical Self*, 1, 23-31.
- Conselho Federal de Psicologia (2007). *Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos*. Retrieved in April 6th, 2007 from Conselho Federal de Psicologia Web site:
<http://www.pol.org.br/satepsi/sistema/admin.cfm?lista1=sim>
- Conway, M. A., Pleydell-Pearce, C. W. & Whitecross, S. E. (2001). The neuroanatomy of auto-biographical memory: A slow cortical potential study

- of autobiographical memory retrieval. *Journal of Memory and Language*, 45, 493–524.
- Costa, D. I., Azambujua, L. S., Portuguese, M. W. & Costa, J. C. (2004). Avaliação neuropsicológica da criança. *Jornal de Pediatria*, 80(2), 111-116.
- DeSouza, M.L. (2005). *Self semiótico e self dialógico: Um estudo do processo reflexivo da consciência*. Tese de doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- DeSouza, M. L., DaSilveira, A. C., & Gomes, W. B. (2007). Verbalized inner speech and the expressiveness of self-consciousness. Manuscript submitted for publication.
- DeSouza, M. L., Gomes. W. B. (2005). Temporality and spatiality in dialogue. In Piotr K.Olés & Hubert J. M. Hermans (Eds.), *The dialogical self: Theory and research*, (pp. 131-140). Lublin, Polônia: Wydawnictwo KUL.
- Fenigstein, A., Scheier, M. F. & Buss, A. H. (1975). Public and private self-consciousness: Assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 36, 1241–1250.
- Fernyhough, C. (2004). Alien voices and inner dialogue: Towards a developmental account of auditory verbal hallucinations. *New Ideas in Psychology*, 22, 49-68.
- Flavell, J. H., Miller, P. H. & Miller, S. A. (1993). *Cognitive development*. 3rd. edition. New Jersey: Englewood Cliffs.
- Fleckhammer, L. (2004). *Insight into the self-absorption paradox: The development of a multi-faceted model of self-conscious ruminative and reflective thought*. Tese de doutorado não publicada. Faculty of Life and Social Sciences, Swinburne University of Technology. Hawthorn, Victoria, Australia.
- Glass, C. R. & Arnkoff, D. B. (1997). Questionnaire methods of cognitive self-statement assessment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(6), 911-927.
- Giorgi, A. (1978). *Psicologia como ciência humana: Uma abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte: Interlivros. Riva S. Schwartzmann, Trad.

- Giorgi, A. (2004). A way to overcome the methodological vicissitudes involved in researching subjectivity. *Journal of Phenomenological Psychology*, 35(1), 1-25.
- Gomes, W. B. & Souza, M. L. (2004, May). Temporality and spatiality on dialogue. [Abstracts] In International Society for Dialogical Science (Ed.). *Third International Conference on the Dialogical Self*, (p. 38). Varsóvia: ISDS.
- Gomes, W. B. (1998). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. In W. B. Gomes (Ed.), *Fenomenologia e pesquisa em psicologia* (pp. 19-44). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.
- Halliday, M. A. K. (1987). Spoken and written modes of meaning. In Horowitz, R. & Samuel S. J. (Eds.) *Comprehending oral and written language* (pp.55-82). New York: Academic Press.
- Hermans, H. J. (1996). Voicing the Self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, 119(31), 31-50.
- Hornby, A. S. & Ruse, C. (1992). *Oxford's students dictionary of current English*. Oxford : Oxford University Press.
- Hutz, C. S. & Nunes, C. H. S. S. (2001). *Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo – EFN. Manual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Joireman, J. A., Parrott, L., & Hammersia, J. (2002). Empathy and the self absorption paradox: Support for the distinction between self-rumination and self-reflection. *Self and Identity*, 1, 53-65.
- Joormann, J., Dkane, M. & Gotlib, I. H. (2006). Adaptive and maladaptive components of rumination? Diagnostic specificity and relation to depressive biases. *Behavior Therapy*, 37, 269-280.
- Keenan, J. P., Nelson, A., O'Connor, M. & Pascual-Leone, A. (2001). Self-recognition and the right hemisphere. *Nature*, 409, January, 2001, 305.
- Kendell, P. C. & Braswell, L. (1985) *Cognitive Behavior Therapy for the Impulsive Children*. New York: Guilford Press.
- Kircher, T. T. J., Brammer, M. J., Simmons, A., Bartels, M. & David, A. S. (2002). The neural correlates of intentional and incidental self processing. *Neuropsychologia*, 40, 683–92.
- Kircher, T. T. J., Senior C., Bullmore E., Benson P. J., Simmons A., Bartels M., & David A. S. (2000). Towards a functional anatomy of self-processing:

- Effects of faces and words. *Cognitive Brain Research*, 10, 133-144.
- Kjaer, T. W., Nowak, M. & Lou, H. C. (2002). Reflective self-awareness and conscious states: PET evidence for a common midline parietofrontal core. *NeuroImage*, 17, 1080-1086.
- Koch, I. V. (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- Lalande, A. (1996). *Vocabulário técnico e crítico de Filosofia*. Tradução de Correia, F.S, Aguiar, M.E.V., Torres, J.E., Souza, M.G.3ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Lanigan, R. L. (1988). *Phenomenology of communication*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Lanigan, R. L. (1992). *The human science of communicology*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Leibniz, G. W. (1988). *Novos ensaios sobre o pensamento humano*. São Paulo: Nova Cultural.
- Lysaker, J. (2006). "I am not what I seem to be". *International Journal for Dialogical Self*, 1, 41-45.
- Lyubomirsky, S. & Nolen-Hoeksema, S. (1995). Effects of self-focused rumination on negative thinking and interpersonal problem solving. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 176-190.
- McCullough, M. E., Rachal, K. C., Sandage, S. J., Worthington, E. L., Brown, S. W. & Hight, T. L. (1998). Interpersonal forgiving in close relationships II. Theoretical elaboration and measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 1586-1603.
- Michel, M. (2006). *Self semiótico: Desenvolvimento interpretativo da identidade como processo dramático*. Tese de doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Michel, M., Andacht, F., & Gomes, W. B. (2007). The relevance of self-contradiction on Peirce's phenomenological category of otherness to the study of the semiotic self as an internal dialogue. Manuscript submitted for publication.
- Mor, N. & Winquist, J. (2002). Self-focused attention and negative affect: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 128(24), 638-662.
- Morin, A. & Everett, J. (1990). Inner speech as a mediator of self-awareness, self-consciousness, and self-knowledge: An hypothesis. *New Ideas in*

Psychology, 8 (3), 337-356.

- Morin, A., Everett, J., Turcotte, I. & Tardif, G. (1993). Self-talk as a mediator of private self-consciousness: A measure of the activity to talk to oneself about oneself and a correlational study. *La Revue Québécoise de Psychologie*, 14, 3–19.
- Morin, A. (2001). The split brain debate revisited: On the importance of the language and self recognition for right hemispheric consciousness. *Journal of Mind and Behavior*, 22, 107-118.
- Morin, A. (2002). Right hemispheric self-awareness: A critical assessment. *Consciousness and Cognition*, 11, 396-401.
- Morin, A. (2002b). The split-brain debate revisited: On the importance of language and self-recognition for right hemispheric consciousness. *Homo Oeconomicus*, 18(2/4), 253-534.
- Morin, A. (2004). A neurocognitive and socioecological model of self-awareness. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 130(3), 197–222
- Morin, A. (2006). Levels of consciousness and self-awareness: A comparison and integration of various neurocognitive views. *Conscious and cognition*, 15(2), 358-371.
- Nooteboom, S. G. (2005). Listening to oneself: Monitoring speech production. In R. J. Hartsuiker, R. Bastiaanse, A. Postma, & F. Wijnen (Eds.), *Phonological encoding and monitoring in normal and pathological speech* (pp. 167–186). Hove, England: Psychology Press.
- Nunes, C. H. S. (2005). *O desenvolvimento de marcadores psicométricos no inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Patton, M. Q. (1980). *Qualitative evaluation methods*. London: Sage Publications.
- Raven, J. C. (1965). *Matrizes progressivas - Escala Avançada*. (Trans. Francisco Campos). Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada. (Raven, J.C. Advanced Progressive Matrices, sets I and II. London: H. K. Lewis, 1962).

- Rohrkemper, M. (1986). The functions of inner speech in elementary school students' problem-solving behavior. *American Educational Research Journal*, 23(2), 303-313.
- Schneider, J. F. (2002). Relations among self-talk, self-consciousness, and self-knowledge. *Psychological reports*, 91, 807-812.
- Siegrist, M. (1995). Inner speech as a cognitive process mediating self-consciousness and inhibiting self-deception. *Psychological Reports*, 76, 259-65.
- Silvia, P. J., Eichstaedt, J. & Phillips, A. G. (2005). Are rumination and reflection types of self-focused attention? *Personality and individual differences*, 38(4), 871-881.
- Stanovich, K. E. (2004). *How to think straight about psychology*. Boston: Allyn and Bacon Pearson Education, Inc.
- Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (1995). Self-consciousness scale: A Brazilian Version. *Psychological Reports*, 77, 423-427.
- Trapnell, P. D. & Campbell, J. D. (1999). Private self-consciousness and the Five-Factor Model of Personality: Distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(2), 284-304.
- Vygotsky, L. S. & Luria, A. R. (1993). *Studies on the history of behavior: Ape, primitive, and child*. Edited and translated by Golod, V.I. & Knox, J.E. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Wiley, N. (1994). *The semiotic self*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Wiley, N. (2006). Pragmatism and the Dialogical Self. *International Journal for Dialogical Science*, 1(1), 5-21.
- Williams, J. M. G., Barnhofer, T, Crane, C. & Beck, A. T. (2005). Problem solving deteriorates following mood challenge in formerly depressed patients with a history of suicidal ideation. *Journal of Abnormal Psychology*, 114(3), 421-431.
- Zanon, C. & Teixeira, M. A. P. (2006). Adaptação do Questionário de Ruminação e Reflexão (QRR) para estudantes universitários brasileiros. *Interação*, 10, 75-82.

ANEXOS

Anexo A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estamos realizando um estudo sobre conversação interna e consciência de si. O resultado deste estudo vai contribuir para a produção de conhecimento psicológico sobre a cognição humana.

Pelo presente, declaro que fui informado dos objetivos e da justificativa deste projeto de pesquisa de forma clara. Recebi informações específicas sobre cada procedimento, no qual estarei envolvido. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento.

Foi-me assegurado:

- O anonimato e a confidencialidade das informações por mim prestadas durante a pesquisa ou após o seu término;
- O direito de me retirar da pesquisa, sem que isto implique nenhum prejuízo para minha pessoa.

Data: ____ / ____ / ____

Nome e assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador responsável:

Obs.: O presente documento será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o participante e outra com o pesquisador responsável.

Anexo B. Questionário de Ruminação e Reflexão (Trapnell & Campbell, 1999; traduzido e validado no Brasil por Teixeira, 2006)

Responda os itens abaixo assinalando o número que melhor representa a sua opinião, de acordo com a chave de respostas apresentada.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente

1- Minha atenção é freqüentemente focada em aspectos de mim mesmo sobre os quais eu gostaria de parar de pensar.	1	2	3	4	5
2- Eu sempre pareço estar remoendo, em minha mente, coisas recentes que eu disse ou fiz.	1	2	3	4	5
3- Às vezes, é difícil para mim parar de pensar sobre mim mesmo.	1	2	3	4	5
4- Muito depois de uma discordância ou discussão ter acabado, meus pensamentos continuam voltados para o que aconteceu.	1	2	3	4	5
5- Eu tendo a ruminar ou deter-me sobre coisas que acontecem comigo por um longo período depois.	1	2	3	4	5
6- Eu não perco tempo repensando coisas que já estão feitas e acabadas.	1	2	3	4	5
7- Eu freqüentemente fico revendo em minha mente o modo como eu agi em uma situação passada.	1	2	3	4	5
8- Eu freqüentemente me pego reavaliando alguma coisa que já fiz.	1	2	3	4	5
9- Eu nunca fico ruminando ou pensando sobre mim mesmo por muito tempo.	1	2	3	4	5
10- É fácil para mim afastar pensamentos indesejados da minha mente.	1	2	3	4	5
11- Eu freqüentemente fico pensando em episódios da minha vida sobre os quais eu não devia mais me preocupar.	1	2	3	4	5
12- Eu passo um bom tempo lembrando momentos constrangedores ou frustrantes pelos quais passei.	1	2	3	4	5
13- Coisas filosóficas ou abstratas não me atraem muito.	1	2	3	4	5
14- Eu realmente não sou um tipo meditativo de pessoa..	1	2	3	4	5
15- Eu gosto de explorar meu interior.	1	2	3	4	5
16- Minhas atitudes sobre as coisas fascinam-me.	1	2	3	4	5
17- Eu realmente não gosto de coisas introspectivas ou auto reflexivas.	1	2	3	4	5
18- Eu gosto de analisar por que eu faço as coisas.	1	2	3	4	5
19- As pessoas freqüentemente dizem que eu sou um tipo de pessoa introspectiva , “profunda”.	1	2	3	4	5

20- Eu não me preocupo em auto analisar-me.	1 2 3 4 5
21- Eu sou uma pessoa muito auto investigadora por natureza.	1 2 3 4 5
22- Eu gosto de meditar sobre a natureza e o significado das coisas.	1 2 3 4 5
23- Eu freqüentemente gosto de ficar filosofando sobre minha vida.	1 2 3 4 5
24- Não acho graça em ficar pensando sobre mim mesmo.	1 2 3 4 5

Do you say to yourself the following things:

- rarely: 1
 - sometime: 2
 - often: 3
 - very often: 4
-

- 1- "What's the matter with me these days?"
 - 2- "Things seem clear today" or "I'm having trouble concentrating today"
 - 3- "It's funny. Every time I'm in (some situation) I seem to (do something, react in some way, etc.). I think that I have (some character or personality trait)"
 - 4- "I don't think I'm very good at (doing some thing)"
 - 5- "Is this good for me?"
 - 6- "What's important for me in life? What are my values? What do I want to do with my life?"
 - 7- "I feel (jealous, arrogant, sensitive, insecure, etc.)! What's making me feel like that?"
 - 8- "I'm full of energy - I feel great!" or "I feel really run down. I don't feel like doing anything".
 - 9- "What a dumb thing to do! Why didn't I think before doing that!" or "Say, I did that all right!"
 - 10- "Hey, this is interesting! When I (solve a problem, write something, listen to music, etc.), it seems that (something) happens in my head"
 - 11- "I'm feeling weird today"
 - 12- "Why do I ask myself so many questions?"
 - 13- "What a strange dream! What could it mean?"
 - 14- "Hey, I'm looking sharp today!" or "Man, I'm a mess - I should clean myself up"
 - 15- "Sometimes I'd rather be somebody else and act better" or "When I act like that, I'm pretty great!"
 - 16- "Why did I act that way?"
 - 17- "What's the matter with me? Am I normal, like other people? I thought I understood myself, but I guess not... Am I really the way I think I am?"
 - 18- "Things like that really bug me!"
 - 19- "What's giving me this feeling?"
 - 20- "Why does this person like me while that one doesn't?"
 - 21- "Who am I? I mean: who am I really?"
 - 22- "I wonder what people think of me. I hope they like me"
 - 23- "Hey, I'm doing all right - I wanted to get that and I got it!" or "I'm not very happy with myself! I could have done better..."
 - 24- "Am I really happy!"
 - 25- "I'm feeling upset today - why? What's bothering me so much?"
 - 26- "I feel (depressed, sad, unmotivated, tired, etc.) today. Why? I don't see why I should feel that way. Did I sleep badly? Maybe it's because of (such or such reason or event)"
 - 27- "Do I really love (or like) that person?"
-

TABLE 1
GERMAN ITEMS WHICH WERE TRANSLATED INTO ENGLISH ON THE SCALE FOR INNER SPEECH
AND THE CORRELATION BETWEEN ITEM AND SCALE WITH THE ITEM DELETED

Item Content	r_{it}
In difficult situations I sometimes say to myself, 'You can handle this; you'll do alright.'	.40
Things I am not sure about myself I make conscious by talking to myself about them in my thoughts.	.70
If I am not feeling well, I often talk to myself about my state.	.75
In my thoughts, I question behavior and feelings of mine which I do not understand.	.54
I talk over with myself personal problems.	.78
My inner conversations with myself are sometimes so intense that they distract me from whatever I am doing at the moment.	.62
When I think about myself and my characteristics, I talk to myself about them in my thoughts.	.79
My conversations with myself are very seldom about my own person. ^a	.30
If I have been especially successful at something, I often say to myself, 'You did a good job.'	.51
Things important to me take on a central role in my inner thoughts.	.62
In difficult situations I try to influence myself by means of calming and encouraging words.	.51
Inner conversations help me to understand myself better.	.71
If I am very confused, I try to find some orientation by talking to myself in my thoughts.	.69
When I have important decisions to make, I discuss with myself in my head the pros and cons.	.69
If I am very concerned about something, I talk to myself about it so intensely that I can hardly think about anything else.	.54
I often talk to myself about happenings or experiences that are crucial to me.	.68
If I am not well, I try to find out the reasons for this by talking to myself about it.	.70
I can well imagine that I may talk to myself in my thoughts more often than other people do.	.46

^aThis item is formulated negatively and must be rephrased positively.

Anexo E. Entrevista de Complementação

1. Alguma pergunta?
2. Inicialmente você responde a uma escala de ruminação e reflexão e dois questionários de conversação interna. Depois, respondeu a esse teste de clareza do pensamento em voz alta. Poderia descrever como foi para você resolver esses instrumentos?
3. O que você achou desse último instrumento, chamado Raven?/ Como você acha que teria sido resolver esse instrumento sem falar em voz alta?
4. Você já havia prestado atenção nessas questões de conversar em voz alta antes?
(Em caso afirmativo: como, em que situações, etc.. Em caso negativo: como foi deparar-se com essa conversa, ouvir a si mesmo falando, etc..)
5. Você costuma conversar assim em alguma situação específica da sua vida cotidiana?
6. Passaram outros pensamentos na sua cabeça enquanto você resolvia o teste e falava? Você lembra de alguns?
7. O que você teria a dizer para nós, pesquisadores, quanto a esse trabalho todo que foi desenvolvido? Alguma sugestão, crítica, etc..